

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Violência e alteridade:
A questão das fronteiras nos "estados limites"

Fernanda Collart Villa

2004

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



**Violência e alteridade:
A questão das fronteiras nos "estados limites"**

Fernanda Collart Villa

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Rio de Janeiro

Janeiro/ 2004

**Violência e alteridade:
A questão das fronteiras nos "estados limites"**

Fernanda Collart Villa

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Presidente, Profa. Dra. Marta Rezende Cardoso

Profa. Dra. Regina Herzog

Profa. Dra. Ana Lila Lejarraga

Rio de Janeiro

Janeiro/ 2004

Villa, Fernanda Collart.

Violência e alteridade: a questão das fronteiras nos "estados limites"/Fernanda Collart Villa. Rio de Janeiro: UFRJ/IP, 2004.

xii, 85 f. ; 29,7 cm

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/IP/Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, 2004.

Referências Bibliográficas: f. 82-85.

1. Estados limites 2. Violência 3. Alteridade. I. Cardoso, Marta Rezende. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de Psicologia/ Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica. III. Título

Dedico esta dissertação à minha família

Agradecimentos

Meus mais sinceros agradecimentos à minha família, que me apoiou em todo o percurso de elaboração deste trabalho e aos meus amigos que estiveram ao meu lado nos momentos de dificuldade, contribuindo, com isso, para a sua efetivação.

Agradeço ao CNPQ, por ter acreditado em meu trabalho, possibilitando com isso o meu estudo.

Fico grata às sugestões do meu revisor, Pedro Henrique Rondon, que tornaram o texto mais leve e agradável de ser lido.

Gostaria de agradecer ainda à minha orientadora, Marta Rezende Cardoso, pela sua ajuda, não só enriquecendo-me com seu conhecimento, mas dando-me condições de refletir e seguir o meu próprio caminho nessa longa jornada.

A Deus, toda a minha gratidão, por ter completado mais este ciclo da minha vida!

Resumo

Violência e Alteridade:

A questão das fronteiras nos "estados limites"

Fernanda Collart Villa

Orientadora: Marta Rezende Cardoso

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, Instituto de Psicologia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Teoria Psicanalítica.

Tratando o tema do limite como uma noção fundamental da teoria e da clínica psicanalítica, esta dissertação é dedicada ao estudo dos "estados limites" tendo como eixo principal de análise a dimensão de alteridade interna e externa. Pode-se observar nesses casos a presença de angústias características, envolvendo diretamente a dimensão de limite, de fronteira, como o expressa o uso de defesas muito arcaicas as quais se erguem contra uma permanente angústia no sujeito, tanto de proximidade excessiva com o objeto, quanto de separação. Ao desenvolvermos a idéia de *espaço fronteiro* tivemos o objetivo de demonstrar a sua relevância para a compreensão dos "estados limites". Considerar esses espaços como lugar de trânsito, lugar onde se estabelece a relação entre o eu e o outro, permitiu-nos explorar a hipótese de uma desregulação (ou desorganização) nestes, como particularidade dos casos em questão.

Palavras-chave: Estados limites, Violência, Alteridade, Dissertação, Psicanálise.

Rio de Janeiro

Janeiro/ 2004

Abstract

Violence and Otherness:
The issue of the borders in the "borderline states"

Fernanda Collart Villa

Tutor: Marta Rezende Cardoso

Abstract of the Dissertation presented to the Post-graduation Programme of Psychoanalytic Theory, Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, as a part of the requisite for obtaining the Master's Degree in Psychoanalytic Theory.

This dissertation is intended to study the "borderline cases", taking as its pivotal line of analysis the dimension of inner and outer otherness. The issue of the borders is treated here as a fundamental notion of psychoanalytic theory and clinic. In these "borderline cases" some characteristic anxieties are present, involving directly the dimension of borders, of frontiers. This circumstance is expressed in the use of very archaic ways of defense, erected to protect the subject against a permanent state of anxiety, be this anxiety either of closeness to the object, or of separation from it. In developing the idea of a *borderline space*, we intended at demonstrating its relevance to the understanding of the "borderline states". As we considered these spaces as a place of transit, a place where the relationship to the other is set, we could explore the hypothesis of a disregulation (or disorganization) in them as being peculiar to these cases.

Key-words: Borderline states, Violence, Otherness, Dissertation, Psychoanalysis

Rio de Janeiro

January/ 2004

Sumário

Introdução.....	1
I – A questão dos limites na obra de Freud.....	6
I.1 – A primeiras teoria.....	7
I.1.1 – A pulsão.....	11
I.2 – A transição para um novo modelo.....	12
I.3 – A segunda teoria.....	17
II – A importância da noção de fronteira nos "estados limites".....	21
II.1 – Breve panorama das diferentes visões sobre os "estados limites".....	21
II.1.1 – Escola das relações objetais – algumas contribuições.....	23
II.1.2 – A visão de Winnicott.....	25
II.1.3 – Escola francesa – algumas contribuições.....	26
II.2 – A noção de fronteira no estudo dos "estados limites".....	28
II.2.1 – Os espaços fronteiriços.....	29
II.2.2 – A transicionalidade em Winnicott.....	32
II.2.3 – As fronteiras internas.....	39
II.2.4 – A conflitualidade nas fronteiras entre o eu e o outro.....	45
II.2.5 – Os limites como zonas de elaboração psíquica.....	46
III – A violência do encontro com o outro: a questão das fronteiras nos "estados limites".....	50
III.1 – A desorganização dos limites intrapsíquicos.....	51

III.2 – Os mecanismos em jogo nos "estados limites".....	52
III.2.1 – A "clivagem ao eu".....	54
III.2.2 – O "retorno do clivado" e as defesas contra esse retorno.....	59
III.3 – A formação e a manutenção dos espaços fronteiriços.....	63
III.3.1 – A questão do traumático nos "estados limites".....	63
III.3.2 – Angústia de separação e angústia de fusão nas fronteiras entre o eu e o outro.....	65
III.3.3 – A paradoxalidade.....	67
III.3.4 – As desregulações narcísicas e objetais.....	69
CONCLUSÃO.....	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	82

INTRODUÇÃO

A problemática dos estados limites vem sendo cada vez mais discutida no cenário psicanalítico. Já existe significativa bibliografia dedicada ao estudo desse tema que, embora não sendo novo, está saindo de um lugar periférico para, enfim, ocupar uma posição central nas discussões, tanto teóricas, quanto clínicas. Mas, por que esses casos têm chamado tanto a nossa atenção nos últimos tempos? Que contribuições seu estudo poderá trazer à psicanálise?

Um dos fatores relevantes para se compreender esse incremento do interesse pelos estados limites, é a sua grande incidência na clínica contemporânea. Embora alguns autores tendam a considerar este fenômeno a partir da hipótese de uma transformação operada na escuta do analista, e não como uma mudança no que se refere ao quadro clínico apresentado pelos sujeitos, pensamos que não se pode dissociar esses dois aspectos. A escuta do analista torna-se mais apurada à medida que novas ferramentas teóricas são desenvolvidas, o que, por sua vez, resulta das aberturas e impasses advindos do exercício da prática clínica.

Dessa forma os estados limites vêm ganhando importância nas discussões, constituindo, portanto, um novo campo de exploração. Os obstáculos encontrados no tratamento de certos casos impõem a necessidade de se repensar os caminhos seguidos até então pela psicanálise e, conseqüentemente, vêm abrir novos horizontes. Assim como o estudo da histeria propiciou a Freud os elementos para o desenvolvimento de sua teoria, com a construção de um modelo do aparelho psíquico baseado fundamentalmente na neurose, acreditamos que a investigação dos estados limites

poderá igualmente vir em auxílio da elaboração e do aprofundamento de novas idéias acerca do funcionamento psíquico.

Mais do que ajudar no entendimento de certos quadros clínicos, cada vez mais presentes em nosso cotidiano – como, por exemplo, as patologias alimentares e as diversas modalidades de adicção – o estudo dos estados limites vem promovendo o avanço no arcabouço geral da teoria psicanalítica, e a construção de novos instrumentos teóricos mais capazes de dar conta dos desafios apresentados pela clínica atual.

O aumento do interesse pela problemática dos estados limites parece-nos igualmente articulado às transformações que a sociedade ocidental vem sofrendo. Quanto a este aspecto, nossa atenção se volta especificamente para a questão da relação com o outro, com a alteridade, ponto que consideramos crucial nesse contexto. Conforme ressaltam vários dos autores que têm-se debruçado sobre essa temática, a sociedade contemporânea apresenta traços singulares no que diz respeito à relação que o sujeito estabelece com o outro. O crescente individualismo, a exaltação ou "culto do eu" – de acordo com a expressão utilizada por vários autores – e a paradoxal intensificação dos valores externos, em detrimento dos internos, são alguns dos aspectos presentes nessa cultura, e que parecem ter um papel importante no surgimento deste modo distinto de relação com o outro.

Como "sociedade do espetáculo" – uma das denominações que têm sido utilizadas para indicar sua singularidade – a cultura contemporânea manifesta extrema preocupação com aquilo que é da ordem do externo. A dimensão de espetáculo está referida a uma dimensão teatral, cênica. O registro do "ser" e do "parecer" tendem a confundir-se nesta perspectiva, e os valores ligados à interioridade, predominantemente, tendem a ser deixados de lado. O que se observa é uma busca incessante pelo melhor

desempenho. Mais do que interagir com o outro, o sujeito contemporâneo busca, muitas vezes, seduzi-lo, atraí-lo com sua *performance*, visando, como recompensa por esta conquista, o engrandecimento do próprio eu.

Impossibilitado de se descentrar de si mesmo, o sujeito contemporâneo apresenta especial dificuldade em perceber o outro em sua diferença e singularidade (atributos da alteridade). O que se observa, portanto, é a tendência a um esvaziamento do horizonte intersubjetivo e a conseqüente intensificação do individualismo, situação, aliás, das mais propícias para a intensificação de fenômenos envolvendo violência de caráter mais ou menos manifesto.

Todos estes aspectos abordados e muitos outros que poderiam ainda ser mencionados aqui vêm contribuindo para a presença, no contemporâneo, de modalidades particulares no que concerne o campo da relação com a alteridade. A partir do estudo metapsicológico que propomos sobre os estados limites – com ênfase justamente na questão da singular dificuldade, nesses casos, a propósito da relação com o outro – acreditamos poder vir a iluminar, ainda que de forma indireta, a compreensão de alguns desses fenômenos próprios à contemporaneidade.

Conforme salientamos anteriormente, a investigação dos estados limites revela-se bastante útil, não somente para um maior esclarecimento das particularidades inerentes às chamadas "psicopatologias contemporâneas" mas, principalmente, para o aprimoramento das ferramentas teóricas do saber psicanalítico. Em Psicanálise, o processo de pesquisa se faz através da articulação entre as dimensões psicopatológica, clínica e metapsicológica. Transitando por esses diferentes campos, articulando-os, a investigação psicanalítica vem progredindo, criando novos instrumentos teóricos, aprimorando a sua técnica, visando, dessa forma, responder a novos desafios.

Foi com essa visão sobre pesquisa em psicanálise que construímos a nossa dissertação. Procurando trabalhar na interseção desses vários vetores, tendo como principal objetivo investigar as especificidades da relação com o outro nos estados limites. Centrando-nos na noção de fronteira, noção que nos parece de essencial importância na investigação dos casos em questão, buscamos aprofundar-nos nos aspectos metapsicológicos envolvidos na relação do sujeito com o outro, relação na qual está em jogo, simultaneamente, o vínculo com o objeto externo e o vínculo com o objeto interno.

Nossa hipótese é a de que, nos estados limites, há uma "desregulação" no nível das "fronteiras" – espaços de trânsito entre o eu e o outro. Em função desta desregulação, o eu responde com dois tipos de angústias básicas: a angústia de fusão com o objeto e a angústia de separação. Estes indivíduos encontram-se, portanto, num estado de defesa permanente contra, ao mesmo tempo, uma ameaça de violenta invasão por parte deste outro e uma violenta ameaça de perdê-lo.

Para desenvolvermos a hipótese em questão, percorremos o seguinte caminho: iniciamos o nosso estudo com um breve retorno a Freud. Explorando diferentes momentos de sua obra, desejamos ressaltar aqueles elementos que indicam a preocupação do autor com a questão dos limites. Embora Freud não tenha se dedicado a um estudo sistemático do tema, é possível encontrar em sua teoria as raízes daquilo que virá a tornar-se, posteriormente, um extenso campo de pesquisa.

Em seguida dedicamo-nos ao desenvolvimento da noção de fronteira. A partir da exposição de diferentes visões, mostramos de que maneira esta noção vem ganhar um peso maior entre alguns representantes da escola francesa, tornando-se, portanto, um instrumento teórico dos mais importantes no estudo dos estados limites. Abordamos,

ainda, neste capítulo os principais aspectos envolvidos nesta noção, focalizando especialmente a idéia de '*espaço fronteiro*'.

Por último, apresentamos um estudo da questão das fronteiras nos estados limites. Investigamos as especificidades dos *espaços fronteiros* entre o eu e o outro, tendo em vista os aspectos dinâmico e econômico aí presentes. As angústias características que envolvem essa dimensão de fronteira, assim como os principais mecanismos de defesa acionados para dar conta delas, são alguns dos aspectos que enfatizamos nesse capítulo.

A partir desta pesquisa esperamos, então, poder contribuir para uma melhor compreensão dos estados limites, levando em conta especialmente a importância da questão da alteridade. Acreditamos, assim, poder oferecer algum elemento novo a esse movimento permanente de evolução da teoria e da clínica psicanalítica.

I

A QUESTÃO DOS LIMITES NA OBRA DE FREUD

Falar sobre limites tornou-se uma prática corrente em psicanálise. Nas discussões atuais muitas vezes tem-se apelado a essa questão, seja no âmbito da clínica (limites da técnica), seja no da teoria (obstáculos teóricos). As chamadas psicopatologias do contemporâneo deslocam a psicanálise do seu eixo, exigindo a construção de um novo olhar sobre os seus fundamentos e destinos. Como alguns autores mostram, não há como separar a emergência da problemática dos limites dos próprios obstáculos com os quais a psicanálise se defronta. Dessa forma se retornarmos à teoria de Freud, analisando-a com a devida atenção, poderemos encontrar as origens daquilo que, posteriormente, virá a se constituir como uma noção – a saber, a noção de *limite*, de *fronteira*.

Nesta etapa inicial de nosso percurso, vamos deter-nos na obra freudiana em busca desses elementos que, ainda que estejam presentes de maneira predominantemente implícita, são determinantes na configuração desse campo de estudo. Visando uma melhor compreensão dos distintos estágios do pensamento freudiano, no que diz respeito à questão que investigamos, apresentaremos o presente capítulo em três partes.

Em primeiro lugar, o nosso pano de fundo será o primeiro modelo do aparelho psíquico (Primeira Tópica), assim como algumas das idéias que Freud desenvolveu

sobre os mecanismos próprios da patologia histérica. O conceito de pulsão, tópico de inegável relevância em nossa reflexão, pelas implicações que tem na temática do “limite”, será também abordado nesse sub-capítulo.

Em seguida, vamos debruçar-nos sobre alguns dos elementos envolvidos na profunda reviravolta teórica que se operará na obra freudiana – momento crucial cujo ápice é a conceituação do narcisismo – marco do momento de transição do primeiro para o segundo dualismo pulsional. Como sabemos, esta mudança desembocará na formulação de uma nova concepção do aparelho psíquico.

Concluindo este capítulo, vamos deter-nos em alguns tópicos relativos ao modelo da Segunda Tópica, essenciais numa reflexão sobre a problemática dos limites.

É necessário precisar ainda que a temática que estamos tratando envolve uma série de questões que, por sua vez, se referem a distintas dimensões no campo da psicanálise: a dimensão clínica, metapsicológica e psicopatológica. Ao darmos relevo à dimensão de limite, tentaremos trabalhá-la a partir desses diferentes níveis, levando em conta a complexa articulação existente entre eles.

1.1 A primeira teoria

Iniciamos nosso percurso pelo “Projeto para uma psicologia científica” (Freud, 1950a [1887-1902]). Dentre as principais construções que esse texto traz, ressaltamos a elaboração do esboço de um primeiro modelo de aparelho psíquico, modelo cuja linguagem se apoia em conceitos próprios à neurologia. Segundo a concepção que Freud propõe nessa primeira fase de seu pensamento, o aparelho psíquico seria formado por um conjunto de neurônios que, por sua vez, estariam divididos em diferentes sistemas intrapsíquicos, de acordo com a sua localização e função específica. O que nos

interessa pontuar aqui é que esta perspectiva – que se manterá presente, de certa forma, ao longo de toda a obra freudiana – diz respeito, justamente, à presença de fronteiras internas no espaço do psiquismo.

Assim, localizamos no “Projeto” não somente a presença das fronteiras que estariam situadas entre cada dois neurônios – como o vêm expressar as noções de “facilitação” e de “barreira de contato” – como também as fronteiras existentes entre os distintos conjuntos de neurônios que compõem os sistemas intrapsíquicos. A suposição da mente constituída de um sistema responsável pela memória e de outro que se ocupa da percepção implica a idéia de conjuntos de neurônios que necessitam de diferenciação.

Além das fronteiras internas do aparelho psíquico, há nesse contexto uma outra menção de Freud, ainda que de forma implícita, à dimensão de fronteira: aquela existente entre o espaço interno e o espaço externo ao psiquismo. É a partir desta fronteira que o aparelho psíquico vai se diferenciar, protegendo-se dos estímulos oriundos de fora. Segundo Freud: “O sistema \emptyset seria o grupo de neurônios atingido pelos estímulos externos (...)” (Id., *ibid.*, p. 355). Freud descreve, então, a presença de uma tela de proteção, ou seja, uma espécie de “sistema de terminações nervosas” na extremidade dos neurônios \emptyset , cuja função seria impedir a entrada excessiva de estímulos exógenos no interior do aparelho. Todas essas fronteiras descritas têm, portanto, grande valor para a compreensão de nossa questão central.

O “Projeto”, entretanto, é um texto muito inicial na história da psicanálise. Somente após *A interpretação dos sonhos* (Freud, 1900a) e a concomitante “descoberta” do inconsciente, é que a psicanálise virá a estabelecer-se de maneira efetiva, sendo reconhecida como uma nova ciência. O estudo dos sonhos, assim como uma

investigação apurada da patologia da histeria, gerou transformações radicais tanto no nível da prática clínica como no da construção teórica. O aparelho psíquico passou a ser pensado como um conjunto comportando três sistemas: o perceptivo/consciente, o pré-consciente e o inconsciente.

De acordo com o ponto que tentamos depurar, cada um destes sistemas diferencia-se do outro a partir do estabelecimento de determinadas fronteiras. Tendo como base o esquema freudiano anterior, pudemos constatar também aqui a indicação da fronteira vinculada ao processo de diferenciação entre o mundo interno e o externo. Esta fronteira estaria em contato direto com o sistema perceptivo, já que este encontrasse numa posição mais superficial em relação aos demais.

Apesar de Freud não ter feito referência direta a todos esses limites, sua atenção se volta para eles. Podemos confirmá-la particularmente através das idéias de censura e posteriormente de recalque, presentes em sua teoria. Tais conceitos implicam diretamente a idéia da circunscrição de um espaço limítrofe onde se desenrola um comércio interno.

Além das fronteiras existentes entre os sistemas descritos queremos acrescentar que o próprio sistema perceptivo-consciente pode ser considerado como uma espécie de *espaço fronteiro*, no sentido de uma área, espaço de divisão existente entre os demais sistemas e o mundo externo. Como diz Freud:

(...) assim, é possível atribuir ao sistema Pcpt-Cs. uma posição no espaço. Ele deve ficar na linha fronteira entre o exterior e o interior; tem de achar-se voltado para o mundo externo e tem de envolver os outros sistemas psíquicos (Freud, 1920g, p. 35).

Conforme explicitaremos mais adiante, a expressão “*espaço fronteiro*” parece-nos das mais adequadas e frutíferas nesta reflexão que propomos sobre a problemática

dos limites. A ela voltaremos em detalhe e de forma aprofundada nos capítulos subseqüentes desta dissertação.

Dando continuidade a esta sintética apreciação da teoria freudiana, sublinhemos que não se pode dissociar a construção do primeiro modelo do aparelho psíquico, de suas condições de origem. Se a psicanálise surge nos limites do saber médico, isto se dá justamente em função dos impasses encontrados por este no tratamento da histeria, quadro clínico que constitui o objeto central nesses primórdios da construção da teoria freudiana. A psicanálise surge, portanto, da tentativa de desvendar as relações entre corpo e mente – outra fronteira importante para nós.

Como Freud sustenta, o principal sintoma da patologia histérica – marca, como pontuamos, do próprio limite encontrado pela medicina em seu tratamento – é a *conversão*. Concebendo este mecanismo como sendo “a transferência de uma excitação puramente psíquica para o domínio do corpo” (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 104), é possível vislumbrarmos aí a presença de mais uma temática na qual a dimensão de fronteira encontra-se implícita.

Quanto ao mecanismo de conversão, gostaríamos apenas de pontuar a idéia de uma correspondência entre este e o modo de relação simbólica. Diferentemente de outras modalidades de relação entre corpo e psiquismo, as quais veremos mais adiante, a conversão aponta para a idéia de uma espécie de simbolismo. Conforme assinalam Laplanche e Pontalis (loc. cit.) “(...) nos sintomas corporais há representações recalçadas que 'falam', deformadas pelos mecanismos da condensação e do deslocamento”. Portanto, são os desejos e fantasias inconscientes que se expressam nesses sintomas.

A questão das fronteiras entre corpo e psiquismo não pode ser restrita, entretanto, ao mecanismo de conversão. As relações que estão envolvidas entre esses dois registros comportam múltiplos aspectos. Como indica Winograd: “se acompanharmos a obra de Freud desde seu início, texto a texto, perceberemos que esta problemática das relações entre corpo e psiquismo permeia toda a sua produção” (Winograd, 2003, p. 4).

I.1.1 A pulsão

Ainda prosseguindo em nosso estudo sobre esse primeiro período da obra de Freud, gostaríamos de remeter-nos ao conceito de pulsão. A relevância que este possui em nosso percurso reside, principalmente, na sua posição de “conceito-limite” ou, conforme algumas traduções propõem, “conceito situado na fronteira”.

O termo pulsão só aparece nos textos freudianos em 1905, conforme indicam Laplanche e Pontalis (1998, Op. cit.). Entretanto, a origem deste conceito se dá muito antes, quando Freud trata das fontes internas de excitação às quais o organismo não pode escapar. Já neste momento podemos perceber sua interseção com um outro campo, fora do domínio do psíquico, ou seja, aquele relativo ao corpo. Conforme nos diz Freud em 1905 “a fonte da pulsão é um processo excitatório num órgão, e seu alvo imediato consiste na supressão desse estímulo orgânico” (Freud, 1905d, p. 159). A que fronteira estaria se referindo Freud, portanto, ao descrever a pulsão como um conceito-limite? Essa resposta torna-se ainda mais evidente a partir da definição por ele apresentada em “Os Instintos e suas Vicissitudes” (1915c). Diz Freud:

se agora nos dedicarmos a considerar a vida mental de um ponto de vista biológico, um "instinto" nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do

organismo e alcançam a mente, como uma medida de exigência feita à mente no sentido de trabalhar em consequência de sua ligação com o corpo (Freud, 1915c, p. 127).

Vemos que o conceito de pulsão traz em seu âmago uma dimensão fronteira, a de estar situada entre o somático e o psíquico. Embora já tenhamos feito referência a esse limite – através da temática dos sintomas da conversão histérica – a questão da origem da pulsão, em particular a de sua vinculação com a noção de apoio, vem tornar inegavelmente mais complexa a relação entre corpo e psiquismo.

1.2 A transição para um novo modelo

De acordo com a primeira teoria das pulsões, o conflito psíquico subjacente às psiconeuroses trava-se entre o ego e a “sexualidade”, entre pulsão de autoconservação e pulsão sexual. A dinâmica psíquica se estabelece, dessa forma, em função do dualismo em questão. Mas, como é sabido, a visão de Freud com relação a essa primeira teoria pulsional será repensada. Os princípios nos quais ela se sustenta serão transformados, tanto em função da construção de novas idéias quanto em função de observações de natureza mais diretamente clínica. Esses questionamentos – que envolvem ampla rede de temas e interrogações na qual, no entanto, não poderemos deter-nos aqui – levarão Freud à construção de uma nova teoria das pulsões. Os novos aportes gerados por essa teorização e as implicações deste novo modelo na discussão sobre os limites da representação, resultarão numa abordagem ainda mais ampla e densa sobre as relações entre corpo e psiquismo.

A fim de melhor apreendermos o fundamento dessas transformações, tendo em vista a sua articulação com a temática do limite, passamos a ocupar-nos de um texto dos

mais essenciais para a nossa discussão. Trata-se do artigo “Sobre o Narcisismo, uma Introdução” (Freud, 1914c). Concordamos com Jacques André quando afirma que:

Por minha parte, sou levado a conceber os desenvolvimentos da problemática *borderline* como uma réplica (no sentido sismológico do termo) ao impacto que a introdução inacabada do narcisismo teve sobre a teoria (...) (André, 1999, p. 71).

Embora sua construção resulte ainda da forte influência do primeiro dualismo pulsional, este texto apresenta uma série de questionamentos e novas concepções que virão abrir frutuosos caminhos. Podemos dizer, neste sentido, que se trata de um trabalho situado na fronteira entre os dois modelos que orientam o conjunto da teoria freudiana.

Um dos fatores – talvez o mais importante deles – que levaram Freud a questionar sua primeira teoria das pulsões foi a observação de quadros clínicos de maior gravidade, como a psicose. A investigação desses casos, aliada à análise de outros fenômenos da vida mental, levou Freud a constatar que o investimento libidinal não se dirige somente aos objetos do mundo externo, mas pode também vir a tomar o próprio ego como objeto, processo que foi nomeado de investimento narcísico. Foi, portanto, “fora do campo das psiconeuroses, fora do campo daquilo que para Freud constitui os limites do analisável, que o narcisismo será introduzido em sua reflexão” (Id., *ibid.*, p. 72).

Temos, assim, uma segunda justificativa para considerarmos o artigo dedicado ao narcisismo como um texto “de fronteira”. Trabalhando questões que circundam o campo da psicose e, como veremos adiante, todo um universo que se encontra fora do modelo clássico da neurose – nas fronteiras dela – Freud vê-se tateando os próprios limites da psicanálise.

Logo no início deste artigo é feita uma primeira tentativa de definir o conceito de narcisismo, com uma breve apresentação sobre a origem do termo. Ele teria sido escolhido “para denotar a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado (...)” (Freud, 1914c, Op. cit., p. 81). Essa descrição, tomada de empréstimo de Paul Näcke, reforça o caráter perverso sobre o qual apoiava-se, até então, tal concepção.

O que Freud irá em seguida desenvolver vem, entretanto, promover um rompimento com essa visão, à medida que postula a idéia de um narcisismo que estaria presente no curso regular do desenvolvimento humano. Haveria em todo indivíduo

uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodes que produz (Id., *ibid.*, p. 83).

O ego é concebido, então, como um grande reservatório de libido, fonte de sua própria constituição.

Mais adiante Freud esclarece, com maiores detalhes, a relação que se estabelece entre libido objetal e libido do ego. Esta pode ser caracterizada como uma relação de antítese, ou seja, “quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia” (Id., *ibid.*, p. 83). Aqui encontra-se mais um ponto fundamental para nossa reflexão. Ao conceber uma espécie de balança entre as duas formas de investimento libidinal descritas, Freud aproxima-se cada vez mais de um aspecto que, como mostraremos, tem um papel dos mais essenciais em nossa abordagem sobre a questão das fronteiras: a fronteira entre o eu e o outro. Podemos conceber a libido, neste sentido, como uma energia psíquica que transita entre esses dois pólos, possibilitando um movimento de constante troca entre eles.

Retomemos ainda o conceito de narcisismo com a finalidade, agora, de explorar alguns aspectos relativos à problemática do ego. Ao mesmo tempo em que podemos conceber a origem dessa instância como relativa a um estado narcísico da libido, este só se revela possível no caso de haver um eu formado, mesmo que de maneira ainda incipiente. Segundo Freud, as pulsões auto-eróticas estariam presentes no psiquismo desde o início, sendo necessária uma “nova ação psíquica”, a saber, a constituição de uma unidade comparável ao eu, para que o narcisismo possa, então, advir.

Porém, como nos ensinam Laplanche e Pontalis: “Neste ponto, a teoria psicanalítica não é unívoca” (Laplanche & Pontalis, 1998, Op. cit., p. 288). O que a citação referida busca ressaltar é a presença, na teoria de Freud – em especial na sua segunda tópica – de uma outra visão a respeito do narcisismo primário. Este último seria caracterizado, aí, pela “total ausência de relações com o meio, por uma indiferenciação entre o ego e o id, e teria o seu protótipo na vida intra-uterina (...)” (Id., *ibid.*, p. 288). Consideramos, juntamente com os autores tratados, que há alguns complicadores quanto a essa abordagem.

Voltando então à concepção do narcisismo, presente no texto base de nossa explanação, gostaríamos de aprofundá-la a partir de um outro artigo, posterior a esse, mas considerado por muitos autores como um seguimento do mesmo: “Luto e Melancolia” (Freud, 1917e [1915]). Neste artigo, o processo que temos discutido será considerado equivalente a uma identificação de tipo narcísico.

Buscando investigar a singularidade dos processos melancólicos, Freud constata que os indivíduos que sofrem dessa patologia viveram uma experiência de perda de um objeto, que será internamente processada de maneira radicalmente distinta do processo de luto. Com o rompimento da relação objetal – que como Freud observa, não diz

respeito a qualquer modalidade de relação – o objeto perdido é incorporado no ego, essa circunstância permitindo, de certa forma, a manutenção daquele vínculo. Esse processo, inicialmente referenciado ao distúrbio melancólico, mas que Freud virá a reconhecer como inevitável e fundamental no desenvolvimento psíquico de todos os indivíduos, foi por ele denominado "identificação narcísica". Esta constituiria um mecanismo típico da fase oral do desenvolvimento. Trata-se, então, de uma identificação responsável pela constituição egóica, tendo esta instância o caráter de “um precipitado de catexias objetais abandonadas (...)” (Freud, 1923b, p. 42).

A compreensão do conceito de narcisismo à luz do mecanismo de identificação narcísica vem trazer valiosas contribuições à psicanálise, dentre as quais a percepção da prioridade do outro na constituição do ego. Ao pensarmos o ego como uma imagem unificada de si mesmo, constituída a partir do outro, estamos buscando justamente reforçar esse lugar fundamental da dimensão de alteridade no processo de constituição psíquica, como posteriormente o farão, aliás, inúmeros autores pós-freudianos.

Lacan, por exemplo, veio a construir uma das mais ricas teorizações sobre o assunto com a sua formulação sobre o estágio do espelho, formador da função do eu.

Segundo Garcia-Roza,

essa experiência [o reconhecimento da própria imagem no espelho] se dá na criança a partir dos seis meses de idade e lhe permite formar uma representação de sua unidade corporal por identificação à imagem do outro, matriz a partir da qual se formará o primeiro esboço de eu (Garcia-Roza, 1995, p. 67).

Tal concepção põe em jogo todo o campo da relação com o outro, relação que permitirá a circunscrição dos limites do eu corporal.

São, portanto, estes os aspectos que consideramos mais significativos do texto sobre o narcisismo e que, como veremos mais adiante, serão retomados por diversos autores com o intuito de enriquecer ainda mais o estudo da noção de limite em

psicanálise. Conforme enfatizamos, esse texto se situa na obra freudiana como uma espécie de ponte, ou seja, como texto “fronteiriço”: ao mesmo tempo que retoma alguns alicerces das primeiras idéias, apresenta um olhar crítico sobre elas, promovendo a abertura de novos caminhos que permitirão efetuar a passagem a uma segunda fase da obra.

1.3 A segunda teoria

Conforme observamos anteriormente a teoria freudiana vai sofrer diversas transformações ao longo de sua evolução. Ao falarmos de uma segunda fase, estamos tomando como referência duas vertentes fundamentais: a mudança operada na teoria das pulsões, a saber, a descrição de um novo dualismo pulsional – nesse segundo tempo considerado como luta entre Pulsões de Vida e Pulsão de Morte – e aquela relativa a uma nova estrutura do aparelho psíquico – a Segunda Tópica.

Tratando, primeiramente, das mudanças implicadas na construção de uma nova topografia do aparelho psíquico queremos destacar os elementos de maior relevância para o desenvolvimento da questão do limite. Neste segundo modelo essa dimensão revela-se ainda mais clara, se considerarmos que as divisões internas do psiquismo se tornam mais explícitas e mais complexas. Esse novo modelo revela-se, inclusive, mais funcional do que o anterior no que concerne à sua articulação com fenômenos da psicopatologia, tendo em vista o papel das diferentes instâncias e a singularidade da relação entre elas em cada quadro clínico.

Os limites intrapsíquicos encontram-se, agora, relacionados às fronteiras entre as distintas instâncias: ego, id e superego. Isto aparece de forma muito clara numa bela passagem de Freud:

Ao pensar nessa divisão da personalidade em um ego, um superego e um id, naturalmente, os senhores não terão imaginado fronteiras nítidas como as fronteiras artificiais delineadas na geografia política. Não podemos fazer justiça às características da mente por esquemas lineares como os de um desenho ou de uma pintura primitiva, mas de preferência por meio de áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, segundo as apresentam artistas modernos. Depois de termos feito a separação, devemos permitir que novamente se misture, conjuntamente, o que havíamos separado. Os senhores não devem julgar com demasiado rigor uma primeira tentativa de proporcionar uma representação gráfica de algo tão intangível como os processos psíquicos. É altamente provável que o desenvolvimento dessas divisões esteja sujeito a grandes variações em diferentes indivíduos; é possível que, no decurso do funcionamento real, elas possam mudar e passar por uma fase temporária de involução (Freud, 1923b, p. 83-84).

Comentando o trecho descrito, Green torna explícito o relevo que Freud dá à questão dos limites:

Eis, portanto, uma citação que revela Freud preocupado com as relações e os problemas de delimitação entre as diversas instâncias da personalidade psíquica. Não pensem que se trata unicamente de uma imagem. Vou procurar mostrar-lhes que se trata de uma necessidade teórica (Green, 1990, p. 15-16).

A própria passagem de Freud parece já avançar, de certa maneira, nesta teorização a respeito dos limites. Ao compará-los com áreas coloridas fundindo-se umas com as outras, este autor estaria chamando a nossa atenção para uma espécie de espaço “transicional” nessa divisão intrapsíquica, campo pouco definido onde ambas as partes (divididas) aparecem representadas. Este aspecto possui grande relevância em nossa investigação e será, ulteriormente, objeto de discussão mais aprofundada.

Atentos ainda à importância da questão do limite no novo contexto da Segunda Tópica, podemos sublinhar o aprofundamento que esta apresenta do conceito de ego, levando-se em conta as relações do ego com as demais instâncias do aparelho psíquico. Nesse segundo tempo de sua obra, Freud desloca grande parte de seu interesse para a instância egóica. Na realidade, desde muito antes – como, por exemplo, no texto dedicado ao narcisismo – este autor já demonstrava uma preocupação especial com essa questão. Porém, é somente a partir da construção de uma nova concepção do aparelho

psíquico e da descrição minuciosa de suas instâncias, que ele poderá desenvolver com mais clareza e rigor as características próprias ao ego, delimitando efetivamente as suas funções.

A concepção do ego como instância central do psiquismo e, ainda, instância responsável pela mediação das distintas relações estabelecidas no aparelho psíquico, possibilita-nos, inclusive, uma maior compreensão da dinâmica psíquica em diferentes quadros clínicos – entre eles os estados limites, embora Freud não os tenha estudado. Em “Neurose e psicose” (Freud, 1924b [1923]), por exemplo, Freud busca descrever as diferentes psicopatologias a partir da dificuldade encontrada pelo ego em conciliar as exigências feitas a ele por parte de seus relacionamentos dependentes. Como forma de lidar com esses conflitos, diz o autor:

será possível ao ego evitar uma ruptura em qualquer direção deformando-se, submetendo-se a usurpações em sua própria unidade e até mesmo, talvez, efetuando uma clivagem ou divisão de si próprio (Freud, 1924b [1923], p. 170).

Já no texto “O Mal-estar na Civilização” (Id., 1930a), publicado alguns anos mais tarde, Freud será ainda mais claro quanto a sua preocupação com a dimensão das fronteiras egóicas. Diz ele:

A patologia nos familiarizou com grande número de estados em que as linhas fronteiriças entre o ego e o mundo externo se tornam incertas, ou nos quais, na realidade, elas se acham incorretamente traçadas. Há casos em que partes do próprio corpo de uma pessoa, inclusive partes de sua própria vida mental – suas percepções, pensamentos e sentimentos – lhe parecem estranhas e como não pertencentes ao ego; há outros casos em que a pessoa atribui ao mundo externo coisas que claramente se originam em seu próprio ego e que por este deveriam ser reconhecidas. Assim, até mesmo o sentimento de nosso próprio ego está sujeito a distúrbios, e as fronteiras do ego não são permanentes” (Id., 1930a, p. 75).

No âmbito dessa reviravolta teórica operada na obra freudiana, não poderíamos deixar de referir-nos à conceituação da Pulsão de Morte. Lutando contra qualquer tentativa de ligação e desafiando, ao mesmo tempo, o princípio do prazer, esta constitui

uma fonte das mais essenciais na criação de novas interrogações a respeito dos “limites do analisável”. A ação da força pulsional pode revelar-se devastadora, vindo a impossibilitar uma defesa de caráter mais elaborado. É, portanto, contra esse “pano de fundo” que a problemática do limite, inclusive da clínica dos estados limites, vem se aprofundar.

Como acrescenta Green, numa discussão voltada para essa temática:

É neste momento, que eu digo também, que o interesse pelos estados limites já estaria presente sob a pena de Freud, pois ele descreve sem o nomear o que mostram essas estruturas. Constata-se aí a tendência a repetição, a tendência ao agir, a tendência a desorganização do eu” (Green, 1999, p. 52. A tradução é nossa).

Conforme pudemos acompanhar, a obra de Freud sofreu uma enorme transformação ao longo dos anos. Sem desconsiderar cada passo do caminho percorrido, esta pôde seguir adiante, em busca de ultrapassar seus próprios limites. Analisando esse percurso, procuramos indicar a gradativa aproximação da teoria freudiana com a dimensão das fronteiras, dos limites. Como mostraremos no capítulo seguinte, esta dimensão pode ser considerada na qualidade de uma *noção* dentro do campo da psicanálise, estatuto cujas implicações – como veremos – parecem-nos das mais frutíferas para o estudo de determinadas patologias, em particular a dos chamados estados limites.

II

A IMPORTÂNCIA DA NOÇÃO DE FRONTEIRA NOS "ESTADOS LIMITES"

Como mostramos no capítulo anterior, há em Freud diversas indicações que nos permitem afirmar que a problemática dos estados-limites foi contemplada em sua obra, ainda que de forma indireta. Dentre essas indicações, há o desenvolvimento da própria noção de fronteira que, embora não tenha sido objeto de estudo sistemático na teoria freudiana, está presente nela em vários momentos, a partir de diferentes temáticas.

Uma análise metapsicológica da noção de fronteira parece-nos essencial para uma melhor compreensão dos estados limites. Ao nos determos, porém, no estudo dessa noção, não pretendemos de modo algum reduzir a questão a essa dimensão.

Iniciaremos o presente capítulo com uma breve apresentação das diferentes concepções sobre os estados limites, sintetizando a contribuição de alguns autores pós-freudianos. Visamos, dessa forma, apontar para a complexidade que este campo de estudo apresenta.

I.1 Breve panorama das diferentes visões sobre os "estados limites"

Circunscrever a questão dos estados limites não é uma tarefa fácil, não somente em função da heterogeneidade das configurações que essa “categoria” abarca, mas também pela multiplicidade de processos subjacentes a esses estados, e em função da

relação desta questão com o problema, de natureza mais diretamente clínica, dos limites do analisável.

De acordo com André,

na desordem dos registros poder-se-ia evocar: a tonalidade depressiva, as soluções adictivas e somáticas, a clivagem de preferência ao recalçamento, o ato (inclusive anti-social) de preferência à fantasia, o primado do pré-genital, o ataque ao pensamento de preferência aos pensamentos evitados, o *insight* do funcionamento de preferência à revelação do sentido etc. (André, 1999, Op. cit. p. 69).

Toda essa multiplicidade de categorias, diferentes daquelas com as quais estamos mais familiarizados, vem contribuir para o incremento dessa dificuldade. Ainda em sintonia com as idéias desse autor, podemos acrescentar que “acerca dos estados limites é mais fácil dizer que eles não se deixam conduzir nem à neurose nem à psicose, do que circunscrever positivamente aquilo que são (...)” (Id., *ibid.*, p. 69).

Quanto a essas dificuldades, queremos chamar a atenção, em primeiro lugar, para um aspecto nem sempre devidamente valorizado: a terminologia. Estudando diferentes autores percebemos, logo de início, a presença de grande variedade de termos utilizados dentro desse campo dos limites. O uso desses termos muitas vezes é feito de forma indiscriminada, e não podemos deixar de considerar a relevância deste aspecto numa abordagem a essa problemática. Como afirma Figueiredo: “Essas diferenças, em aparência irrelevantes, bem podem expressar alguma coisa de mais fundamental e que não convém dissimular” (Figueiredo, 2003, p. 78). O que este autor aponta aqui e com o que estamos em total acordo, é a necessidade de atentarmos para o sentido inerente a cada um desses termos já que isto se deve, dentre outros aspectos, a distintas teorizações e múltiplas formas de tratar o problema. Desejamos mostrar, portanto, de que maneira a opção por um desses termos implica a vinculação a uma visão particular, procurando, assim, tornar mais inteligíveis as nossas próprias escolhas (terminológicas e teóricas).

Uma ampla investigação da bibliografia a respeito dos estados limites permitiu-nos identificar duas vertentes principais nas quais está inserida a maior parte das contribuições sobre o assunto. Embora estas se apoiem em diferentes caminhos dentro de um mesmo campo de pesquisa, e com pressupostos também distintos, algumas de suas idéias podem ser aproveitadas em conjunto, proposta que nos parece frutífera. Esta será uma das estratégias de nossa pesquisa.

II.1.1 Escola das relações objetais – algumas contribuições

Em uma primeira vertente, composta em sua maior parte por autores das chamadas teorias de relações objetais, a ênfase recai sobre a denominação “*borderline patients*”. Acreditamos que este primeiro termo seja o que reflete melhor sua posição teórica, apesar de que esses autores também fazem uso das expressões “*borderline-personality*”, “*borderline-states*”, dentre outras.

Segundo grande parte dos representantes dessa linha de relações objetais, os pacientes “*borderline*” apresentam uma especificidade quanto à psicopatologia. Em outras palavras, de acordo com essa vertente, esses pacientes possuem uma estrutura singular, distinta daquelas já descritas por Freud. De fato, a suposição de que essas patologias não estariam inseridas em nenhuma das demais classificações constitui a principal marca dessa linha no que concerne a esses quadros clínicos.

De acordo com Figueiredo:

Originalmente, a problemática do limite nos "casos limites" era vista como decorrência da falta de um lugar próprio para certos pacientes que não se conformavam à classificação mais tradicional das estruturas, isto é, eles pareciam se situar em uma região fronteira entre psicose, neurose e perversão, com traços das três, mas com elementos refratários a todas as inclusões fáceis e consensuais (Figueiredo, 2003, p. 78).

Pontuemos, no entanto, que embora possamos reunir uma multiplicidade de autores dentro dessa mesma vertente teórica, cada um deles veio a desenvolver uma teorização singular e original a respeito da questão. Essas diferentes elaborações são tão ricas quanto distintas umas das outras, e vêm entrelaçar-se apenas em alguns pontos específicos.

A este respeito Kernberg, por exemplo – um dos principais autores que defendem a idéia de uma estrutura própria à patologia *borderline* – inspirou-se, dentre outras fontes, nas idéias de Mahler relativas à “fase de reaproximação”. Em sintonia com as idéias de sua inspiradora, o referido autor supõe haver aí uma problemática a qual estaria relacionada com uma fase particular do desenvolvimento infantil, na qual a criança busca separar-se/diferenciar-se da mãe, momento de intensa angústia para ambas. Ainda que sob pontos de vista distintos, tanto a mãe quanto a criança sofrem, por um lado, o medo do abandono/perda, por outro, o medo de uma super-solicitação/invasão. Quando cronificadas, essas oscilações relativas à aproximação/reaproximação podem gerar uma série de dificuldades, principalmente no que concerne às delimitações das fronteiras do eu e à permanência objetal.

As contribuições de Kernberg não ficam restritas às formulações inspiradas em Mahler. Conforme nos mostra brevemente Figueiredo, Kernberg avançará em sua teorização acrescentando outros aspectos significativos para essa problemática:

Por isso, Kernberg incorpora outras dimensões dos fenômenos e processos encontrados nas estruturas *borderline*, em especial os relativos às defesas primitivas, como as cisões e o amplo recurso a identificações projetivas, sem as quais não se entende perfeitamente o caráter oscilatório da dinâmica *borderline* (Id., *ibid.*, p. 86).

II.1.2 A visão de Winnicott

Outro expressivo autor de teoria de relações objetais é Winnicott. Entretanto, as idéias que ele desenvolve não podem ser completamente situadas nem naquela primeira linha de pensamento da qual Kernberg faz parte, nem numa outra forma de conceber os estados limites que veio a tornar-se dominante entre os autores franceses. Nosso interesse por Winnicott reside justamente nessa interseção, ou seja, na possibilidade de utilizarmos suas idéias articulando-as com as que serão desenvolvidas por uma expressiva parte dos autores de língua francesa. As contribuições destes, como veremos mais adiante, harmonizam-se com a nossa forma de conceber o problema, uma vez que se preocupam de sublinhar e explorar a questão do limite, das fronteiras, concedendo a estas o estatuto de noção metapsicológica, visão que muito nos interessa.

De que forma essas duas dimensões do problema se fazem presentes no pensamento de Winnicott? Winnicott seguiu um caminho próprio adotando muitas idéias de Melanie Klein, e criou uma teoria muito rica. Como é sabido, ele fora pediatra antes de ser psicanalista, e sua vasta experiência com crianças em muito iluminou o seu percurso. Além da construção de uma teoria a respeito das origens do psiquismo e de seu desenvolvimento, a observação dos processos e comportamentos da vida infantil possibilitou a elaboração de um interessante trabalho clínico com os chamados “pacientes difíceis”. Assim como a maior parte dos teóricos das relações objetais, Winnicott considera a patologia dita *borderline* como uma psicopatologia específica, situada nas fronteiras entre a neurose e a psicose. Esse ponto de vista se expressa em várias passagens de sua obra, como por exemplo quando afirma:

Pela expressão "caso fronteiro", quero significar o tipo de caso em que o cerne do distúrbio do paciente é psicótico, mas onde o paciente está de posse de uma organização psiconeurótica suficiente para apresentar uma psicose, ou um distúrbio

psicossomático, quando a ansiedade central psicótica ameaça irromper de forma crua (Winnicott, 1969, p. 122).

Quanto a essa patologia, o autor não criou novos termos, preferindo tomar emprestadas algumas expressões já recorrentes, tais como, "paciente esquizóide", "paciente *borderline*", "caso fronteiro". Apesar de não terem o mesmo significado, elas se referem a problemáticas semelhantes, e que se entrecruzam em alguns pontos.

Até agora fizemos menção somente às idéias de Winnicott que mais se aproximam da primeira vertente de pensamento acima descrita. Porém, algumas de suas contribuições permitem-nos igualmente aproximá-lo da vertente dominante entre os autores franceses. É o caso, por exemplo, da sua teorização sobre o espaço transicional. Concebendo esse espaço como uma “terceira parte da vida de um ser humano, parte que (...) constitui uma área intermediária de experimentação, para a qual contribuem tanto a realidade interna, quanto a vida externa” (Id., 1953, p. 15), Winnicott aproxima-se dos desenvolvimentos teóricos que a Escola Francesa avança sobre a noção de fronteira. Cabe, no entanto, lembrar que a questão da transicionalidade se articula ainda com uma série de outras idéias desenvolvidas pelo autor, exigindo-nos, portanto, grande cautela em sua utilização. Voltaremos a este ponto mais adiante.

II.1.3 Escola francesa – algumas contribuições

Da mesma forma que destacamos o uso do termo “*borderline patients*” no contexto dos autores de teorias de relações objetais, desejamos agora chamar a atenção para a prioridade que a expressão “*estados limites*” ganhará na escola francesa. Esta expressão também comporta as idéias que grande parte dos autores de língua francesa vieram a desenvolver acerca da questão, sendo a denominação mais freqüentemente

utilizada nesse contexto. Os termos “situações limites” e “casos limites” podem, entretanto, também ser aí encontrados. A partir dessas observações, sublinhamos novamente a importância da escolha terminológica, ou seja, a idéia de que a opção por um determinado “termo” já denota certos aspectos que caracterizam uma determinada concepção.

Nesta segunda vertente os estados limites são analisados sob uma perspectiva bem mais ampla. Diferentemente da idéia de estrutura fixa – o que subentenderia um diagnóstico preciso – esses estados diriam respeito a certos aspectos da personalidade ou a um modo peculiar de funcionamento do psiquismo, suscetível de se fazer presente em diferentes configurações psicopatológicas, ou mesmo em distintas situações de vida. Daí a importância do uso das expressões “estados limites” e “situações limites”, que já indicam o seu caráter transitório, ou seja, a possibilidade de estarem mais nitidamente operantes em um momento específico da história do indivíduo, ou mesmo numa determinada fase de seu tratamento, sem que se tenha que pressupor a presença de um padrão fixo e estrutural.

Outro aspecto essencial que permite a ampliação dessa análise diz respeito à importância concedida pela Escola Francesa à própria noção de limite, fronteira, termos utilizados, cabe precisar, como sinônimos. De acordo com essa visão, a noção de limite não se restringe ao campo da psicopatologia, mas passa a ser estendida a todo o campo da metapsicologia.

Conforme pontua Green:

Na minha opinião, é aqui que encontramos o interesse de considerar o limite como um conceito, situando seu campo de ação tanto do lado da relação do eu com o objeto quanto entre as diversas instâncias do aparelho psíquico. Do mesmo modo, se consentirmos em adotar um ponto de vista estrutural, o limite entrará em jogo igualmente entre as diversas entidades do universo psicopatológico (Green, 2002, p. 83. A tradução é nossa).

Este autor, cujo pensamento estudaremos mais aprofundadamente adiante, desenvolveu trabalhos de grande riqueza no âmbito dessa temática. Como podemos constatar no pequeno fragmento que citamos acima, Green considera o limite como um conceito chave para a compreensão da “patologia dos casos-limites” (Id., 1990, p. 13). Segundo ele, uma das principais características desses casos é a presença de uma desorganização quanto aos limites no interior do aparelho psíquico. A idéia de desorganização é utilizada, aqui, no sentido seja da presença de uma grande rigidez, seja de uma excessiva maleabilidade ao nível dessas fronteiras.

Há, por último, uma perspectiva bastante interessante sob a qual, conforme gostaríamos de destacar, a noção de limite será, ainda, trabalhada por alguns autores da Escola Francesa. Diz respeito à concepção do limite como limite do analisável. Segundo Jacques André, “o aparecimento dos estados limites, da própria coisa mais do que do termo, é um acontecimento interno da história da clínica analítica, inseparável dos obstáculos, dos limites, encontrados por esta” (André, 1999, Op. cit., p. 68). Trata-se de uma exploração dos estados limites que não perde de vista o contexto clínico no qual emergem. Uma das riquezas desse pensamento reside igualmente na tentativa de um retorno a Freud, aí encontrando – assim como procuramos anteriormente também fazer – as raízes dos questionamentos que irão posteriormente culminar numa investigação de caráter mais sistemático sobre esses estados.

II.2 A noção de fronteira no estudo dos "estados limites"

Apresentamos um breve panorama das distintas concepções dos autores pós-freudianos sobre a problemática dos estados limites. Ao fazê-lo, o nosso objetivo não foi apenas indicar a presença de divergências, mas principalmente evidenciar a

importância que a noção de fronteira veio a adquirir nessa discussão. É para essa perspectiva que o nosso trabalho está voltado.

Ao longo da história da psicanálise pós-freudiana, a noção de limite sofre uma significativa transformação. Numa fase inicial, tende a se manter, como vimos, mais diretamente vinculada ao campo da psicopatologia, em particular àqueles quadros clínicos supostamente situados no limite entre neurose e psicose. Mas esta questão virá abarcar um campo bem mais amplo, ainda que nem todos os autores venham a concordar com esse deslocamento da questão que chegará a abranger toda a problemática relativa às fronteiras inerentes ao aparelho psíquico, inclusive a questão dos limites do analisável.

Se, é verdade, como nos mostra Pontalis (Pontalis, 1974), que a teoria psicanalítica se constrói através de uma constante atualização de seus próprios limites, podemos dizer que o deslocamento teórico para o qual chamamos a atenção, não se dá por acaso. Aquela forma inicial de conceber-se a noção de limite torna-se insuficiente, sendo ultrapassada por uma outra visão mais abrangente, mais articulada e com maior sintonia com a complexidade de determinadas situações clínicas, mais apta, igualmente, a dar conta da multiplicidade dos espaços fronteirios descritos.

Passemos, então, a uma análise mais precisa dessa concepção, na tentativa de contemplar alguns dos múltiplos aspectos nela implicados.

II.2.1 Os espaços fronteirios

A exploração de uma bibliografia mais específica sobre a noção de fronteira, permitiu-nos perceber que poucos autores se dedicaram a estudá-la de forma mais sistemática. Muitas são as menções a essa noção mas, como pudemos constatar, isso

tende a ser feito de forma passageira, ou a partir de uma idéia anterior, de certa maneira já cristalizada em sua significação. Nossa pesquisa conduziu-nos, portanto, a um universo bastante heterogêneo, onde nem sempre as idéias defendidas encontram-se em harmonia entre si.

Tendo em vista essas dificuldades, assim como o lugar central que esta noção possui em nosso trabalho, temos a intenção de desenvolvê-la, de aprofundá-la. Para este fim, faremos uso de uma expressão particular, a de “*espaço fronteiro*”, através da qual pensamos situar melhor e explorar as nossas próprias hipóteses sobre a importância em psicanálise da questão das fronteiras, em particular – como mostraremos mais adiante – nos estados limites. Inspirando-nos em diversos autores que trabalharam o tema, tentaremos avançar em uma teorização a esse respeito. Nossa visão sobre o *espaço fronteiro* irá, portanto, sendo construída e depurada à medida que formos apresentando e discutindo os pontos essenciais das idéias desses autores.

Dentre aqueles que mais contribuíram para o desenvolvimento dessa idéia que propomos de *espaços fronteiros*, temos que ressaltar a valiosíssima contribuição de André Green. Como dissemos anteriormente, este autor veio a elaborar um estudo sistemático da noção de limite, e suas idéias estão muito próximas daquelas que procuramos desenvolver aqui.

Assim como os demais autores franceses, Green sofre influência do pensamento de Lacan, ainda que não tenha se tornado seu seguidor. Ao contrário, veio a relacionar-se com esse pensamento de maneira bastante crítica, inclusive através do constante diálogo que estabelece com vários outros nomes da psicanálise pós-freudiana, como por exemplo, Winnicott e Bion. É no interior desse amplo universo teórico que Green constrói sua obra, dedicando boa parte dela ao estudo dos chamados estados limites.

Retomemos então algumas de suas principais idéias que poderão ser- nos de grande utilidade para o desenvolvimento da idéia de *espaço fronteiro*. Investigando os estados limites, Green se depara com algumas dificuldades. Constata, por exemplo, que estes casos não podem ser referidos a “simples” psicoses latentes, mas constituem organizações originais das quais os conceitos clássicos da psicanálise parecem não dar conta. Supondo a presença nesses casos de uma desorganização ao nível dos limites no interior do aparelho psíquico, o autor mostra a importância fundamental, neste contexto, da noção de limite e a conseqüente necessidade de estudá-la na qualidade de conceito psicanalítico. Green propõe que se considere o próprio limite como um conceito, e encontra na obra de Freud as raízes dessa concepção. Através desse estudo dá seguimento à investigação da questão.

Como já havíamos enfatizado, Green aborda a questão do limite levando em consideração não somente distintas estruturas psicopatológicas, mas procurando de fato explorá-la no âmbito da metapsicologia. Sua investigação se dirige aos limites entre as diferentes instâncias psíquicas e ainda àqueles que vêm delimitar os objetos internos e os externos. À luz dessa perspectiva, podemos supor a idéia de *espaços fronteiros*, entendidos como áreas que garantiriam a possibilidade de separação e diferenciação, seja entre dois sistemas, seja entre duas entidades ou, até mesmo, entre duas estruturas psíquicas distintas. Nesse sentido, consideramos a dimensão de *diferença*, de *alteridade*, como aspecto essencial na indicação da existência/funcionalidade de tais espaços.

Não se trata, entretanto, de considerar tais fronteiras como simples linhas divisórias, barreiras que impediriam ou limitariam a comunicação entre dois territórios: a idéia de *espaço fronteiro*, como o próprio termo sugere, indica a existência de um terceiro território, uma espécie de área destinada à mediação e criação das demais. Esta

concepção de fronteira como *espaço* e não *linha divisória*, também encontra eco nas contribuições de Green a respeito dos limites. Segundo esse autor sempre que dividimos um espaço em dois, atribuindo a cada um deles propriedades contrárias, *criamos um terceiro espaço na junção dos dois*. Como mostra o autor, esse espaço possui características dos dois campos em divisão, sendo constituído através de uma espécie de “formação de compromisso” entre ambos.

Podemos supor, dessa maneira, em sintonia com as idéias de Green, que além de ter a função de separação entre dois pólos opostos, o *espaço fronteiro* serve como espaço de união, lugar de coexistência do "sim" e do "não", o lugar do "talvez". A idéia de um “talvez” parece-nos, inclusive, bastante apropriada, à medida que sugere algo da ordem de uma potencialidade. O *espaço fronteiro*, conforme o consideramos, compreende essa dimensão potencial em que o que está ausente pode se fazer presente, o que está recluso, poderá tornar-se manifesto. Cabe acrescentar que esse é um dos aspectos igualmente presentes na concepção de transicionalidade de Winnicott, à qual passamos a nos dedicar visando evoluir em nossa compreensão sobre o que estamos tratando como *espaço fronteiro*.

II.2.2 A transicionalidade em Winnicott

A partir da observação de crianças e de seu processo de desenvolvimento, Winnicott constata que, na ausência da mãe (objeto primário), muitas delas vinham a apegar-se a determinados objetos, e que somente estes poderiam apaziguar a sua angústia, ao menos provisoriamente. Esses objetos, que serviam, portanto, como substitutos da mãe em sua ausência, simbolizando a união desta com a criança, foram denominados por Winnicott de "objetos transicionais". Como nos lembra o autor,

não é o objeto, naturalmente, que é transicional. Ele representa a transição do bebê de um estado em que este está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado (Winnicott, 1953, Op. cit., p. 30).

Isso significa que, além da separação física entre o bebê e a mãe, o uso desse objeto permite à criança uma elaboração de sua “perda”, ou seja, uma evolução no seu processo de desenvolvimento em termos da constituição de si mesma como sujeito independente e autônomo.

Antes de prosseguirmos neste estudo sobre a noção de transicionalidade, tão relevante para o avanço de nosso estudo sobre a noção de limite, gostaríamos de fazer algumas ressalvas a respeito da visão de Winnicott sobre esse momento inicial do processo de desenvolvimento psíquico.

Em primeiro lugar, ao falar de um processo em que o bebê começa a diferenciar-se, a afastar-se da mãe, o autor está se referindo ao desenvolvimento em termos de dependência em relação ao mundo externo. Diferentemente de Freud que tanto se preocupou em descrever esses momentos iniciais da vida psíquica a partir da perspectiva de um investimento libidinal – desde o seu estado mais inicial, auto-erótico, até o deslocamento desse investimento em direção aos objetos, ou seja, em toda sua transição pelas fases oral, anal, fálica e genital – Winnicott parece estar mais atento ao papel do meio ambiente e à influência deste no amadurecimento individual. Embora não venha a invalidar a importância das idéias freudianas, a sua concepção supõe um processo que tenderia a se dar de modo mais independente.

Quanto a esse ponto, Winnicott trabalha com uma categoria que nos apresenta algumas questões. Segundo esse autor, em um estágio muito inicial da vida do lactente, mais do que as satisfações pulsionais, o que assumiria o primeiro plano seriam as necessidades egóicas. Como exemplo dessas necessidades menciona toda uma

diversidade de cuidados maternos que supostamente parecem não envolver qualquer tipo de prazer pulsional. Desta mesma maneira são tratados pelo autor aqueles fenômenos dos quais temos nos ocupado aqui, ou seja, aqueles que se situariam numa área intermediária do desenvolvimento. Diz Winnicott:

É de notar que os fenômenos aqui descritos não possuem um sustentáculo instintual, em que o elemento orgiástico desempenha papel essencial e onde as satisfações estão estreitamente vinculadas ao clímax (Id., 1967, p. 136).

Consideramos que esta visão winnicottiana, dando tanta ênfase às necessidades egóicas na dinâmica psíquica do lactente, sendo o aspecto sexual considerado como de natureza secundária, coloca problemas. Conforme André indica em “O Objeto Único”, “uma das conseqüências da introdução do narcisismo foi excluir do campo da teoria analítica a questão do que é vital, da autoconservação, (...)” (André, 1999, Op. cit., p. 72).

O que este autor parece pontuar aqui, observação com a qual estamos totalmente de acordo, é que ao reconhecer a possibilidade de um investimento libidinal no ego, Freud dá um salto em sua teoria, salto que não deveria ser ignorado. A partir da concepção de um ego libidinal, a questão da *existência* – tendo em vista a especificidade do campo da psicanálise – passa a estar implicada num novo registro: existir é existir para alguém, pelo amor de outrem. A psicanálise se desvencilha, portanto, de uma vertente mais ontológica, para situar essa questão em outro domínio: o domínio do sexual. Pensamos que esta dimensão é, de certa forma, negligenciada no pensamento de Winnicott, e ainda que retomemos aqui a noção de transicionalidade, temos, entretanto, a perspectiva de poder ressignificá-la a partir de sua inserção no campo do pulsional, do sexual.

Antes de prosseguirmos na nossa exposição sobre a noção de transicionalidade, fundamental para o desenvolvimento da idéia de *espaço fronteiro*, é necessária ainda a explicitação de outra ressalva que fazemos ao pensamento de Winnicott. Trata-se, neste caso, de sua concepção sobre os períodos mais iniciais do desenvolvimento do indivíduo. Como já indicamos, o objeto transicional representa a transição do bebê de um estado em que se encontra fundido com a mãe, para um estado em que passa a estar em relação com ela como algo externo e separado. De nossa parte, tendemos a considerar esse primeiro estágio do desenvolvimento não como algo da ordem de uma anobjetividade, mas como uma fase de experiência ilusória de completude.

Mas, notemos que Winnicott, ainda que faça uso do termo “fusão”, parece, no entanto, compartilhar, de certa maneira, este ponto de vista quando afirma, por exemplo, que “na dependência absoluta o lactente não tem modo de se conscientizar da provisão materna” (Winnicott, 1963, p. 83). Poderíamos entender essa afirmação como se a consciência do bebê, em função da eficácia dos cuidados maternos, se encontrasse alterada, “iludida” diante da fantasia de unidade com o meio externo, visão que em muito se aproxima da nossa própria forma de pensar.

Voltemos, então, à descrição do objeto transicional e suas interseções com a concepção de espaço transicional. Segundo Winnicott, para que este objeto possa cumprir sua função, é preciso que tenha algumas características. Ele deve ser, ao mesmo tempo externo – ou seja, resistente aos ataques de ódio da criança, recebendo seus investimentos de amor como forma de reparação – e interno – ou seja, passível de manipulação, estando, até certo ponto, sob o domínio da criança, da mesma forma como o estão os objetos internos. Isso significa que “o objeto transicional jamais está sob controle mágico, como o objeto interno, nem tampouco fora de controle, como a mãe

real” (Id., 1953, Op. cit., p. 24). Ele se encontra numa área de julgamento suspensivo, área na qual sua origem não pode ser reivindicada.

Além dessas particularidades do objeto transicional, Winnicott mostra ainda que, na maior parte dos casos, seu destino será o de uma gradativa “descatexização”. Pouco a pouco irá perdendo seu significado, sem que venha, entretanto, a ser esquecido. O que de fato ocorre é que sua ação tende a ser expandida para um território mais amplo, denominado “espaço transicional” pelo autor.

Nosso interesse centra-se, portanto, não tanto na idéia de um objeto específico que no decorrer do desenvolvimento da criança, poderá vir a propiciar um progressivo afastamento da mãe. Estamos atentos principalmente a essa ampliação da questão, que Winnicott promove: ao explorar os fenômenos transicionais, estende sua concepção de transição a todo o espaço de “circulação” entre o eu e o outro, entre o subjetivo e o objetivo. Esta parece-nos uma proposta fecunda para uma elaboração conseqüente da noção de limite.

O espaço transicional apresenta, então, particularidades importantes para avançarmos em nosso desenvolvimento da idéia de *espaço fronteiroço*. Em primeiro lugar, assim como fizemos anteriormente a partir de Green, queremos enfatizar a influência que sofremos de Winnicott para virmos a sustentar essa visão do limite na qualidade de um espaço. Na realidade, o próprio Green reconhece naquele autor a fonte de inspiração de suas idéias, no que concerne a esta questão.

Quanto à dimensão que esse espaço vem a assumir na vida de cada indivíduo, concordamos plenamente com Winnicott quando ele reconhece o caráter extremamente variável dessa situação, havendo mesmo a possibilidade, em certos casos, de este espaço estar ausente. Segundo o autor, a configuração dele dependerá fundamentalmente das

experiências vivenciadas em estágios primitivos da existência, isto é, dependerá do tipo de contato estabelecido entre o bebê e seus objetos primários. Para Winnicott, esse primeiro encontro com o objeto, quando satisfatório, pode ser resumido em uma só palavra: *confiança*. “Onde há confiança e fidedignidade há também um espaço potencial” (Id., 1971, p. 150). Quanto a este ponto também concordamos com o autor, desde que possamos conceber esse sentimento de confiança como referido à certeza de que o objeto ausente poderá fazer-se presente, ou de que o objeto perdido poderá retornar. Essa forma de compreensão da questão remete-nos então à dimensão de potencialidade que já havíamos mencionado e que se revela como mais um elemento essencial para prosseguirmos no desenvolvimento da idéia de *espaços fronteirços*.

Abre-se, a partir daí, uma nova perspectiva para explorarmos a dimensão de fronteira. Ao mesmo tempo que a sua presença possibilita uma gradativa separação entre as diversas polaridades eu-outro, interno-externo, e assim por diante, a manutenção desse *espaço* remete ainda para a dimensão paradoxal que o vínculo com o outro também comporta. Como diz Winnicott: “(...) separação que não é uma separação, mas uma forma de união” (Id., 1967, Op. cit., p. 136).

A esse respeito, vale lembrar que essa função de ligação também está associada ao que Winnicott considera como sendo um processo de simbolização. Segundo o autor, a questão da separação entre a criança e a mãe, não advém do fato da separação. Diz ele “É aqui que se desenvolve o uso de símbolos que representam, a um só, e mesmo tempo, os fenômenos do mundo externo e os fenômenos da pessoa individual que está sendo examinada” (Id., 1971, Op. cit., p. 151). Nesse sentido, só será possível para o eu separar-se de seus objetos à medida que seja capaz de simbolizá-los. Perde-se o objeto, mas ganha-se o símbolo como garantia.

A questão da simbolização e os aspectos ligados à mesma, como o caráter potencial e a dimensão de confiança mencionados anteriormente, parecem-nos vetores importantes para se explorar a noção de *espaço fronteiro*. Não podemos esquecer, entretanto, que o eixo central que organiza o pensamento de Winnicott é muito distinto do nosso. Para Winnicott, todos esses fatores encontram-se, de certa maneira, articulados ao processo de adaptação da mãe às necessidades do lactente, estando essas necessidades essencialmente relacionadas ao ego. Para que o desenvolvimento da criança ocorra de forma satisfatória, vindo gerar tanto um sentimento de confiança, quanto a conseqüente formação dos símbolos e do espaço transicional, o autor sublinha particularmente a área relativa à satisfação das necessidades egóicas.

Em contraste, nossa proposta é conceber o *espaço fronteiro* como um espaço potencial, espaço de transição entre o eu e o outro, sendo a relação que se estabelece nessa fronteira marcada essencialmente por uma dimensão pulsional, sexual. A mãe (objeto primário), além de ego auxiliar, é uma mãe erogenizadora, mãe que seduz. A esse respeito, há uma passagem em Freud que nos parece bastante interessante:

O comércio da criança com a pessoa que cuida dela é, para ela, fonte contínua de excitação sexual... a mãe prodigaliza à criança sentimentos provenientes de sua própria vida sexual, acaricia-a, beija-a e a embala e toma-a, de fato, claramente como substituto de um objeto sexual completo (Freud, 1905d, Op. cit., p. 210).

André acrescenta, comentando esta passagem: “Eis um ‘comércio’ que complica seriamente o tempo do holding. Winnicott retém os cuidados, afasta o sexo – pelo menos o da mãe (André, 1999, Op. cit., p. 78).

II.2.3 As fronteiras internas

A partir das contribuições de Winnicott pudemos avançar em nossa teorização a respeito dos *espaços fronteirizos*. Há, porém, uma dimensão que consideramos essencial à idéia desses espaços e que não tivemos ainda a oportunidade de aprofundar. Trata-se das fronteiras situadas no interior do aparelho psíquico. Ao falarmos de limites não estamos nos reportando somente àqueles situados entre o eu e os seus objetos externos. Esta noção abarca também todas as delimitações internas ao psiquismo, ou seja, as fronteiras responsáveis pela diferenciação entre o eu e os objetos internos. Como indica Figueiredo, podemos compreender a realidade – e, acrescentaríamos nós, a realidade do outro – como “tudo o que de alguma forma ultrapasse o campo da onipotência do ego e ponha em risco os limites do self” (Figueiredo, 2003, Op. cit., p. 179).

Essas duas dimensões próprias ao objeto não podem ser dissociadas. De acordo com Green: “(...) há um objeto que está dentro do eu e há também um objeto exterior ao eu. É nesse jogo de expulsão de um ao outro que se pode falar de uma concepção de objeto” (Green, 1999, p. 38. A tradução é nossa). Para este autor, e em sintonia com as nossas próprias idéias, seria absolutamente ilusório pretender unificar tal concepção, já que haveria sempre mais de um objeto. Encontramos, assim, mais uma via para aprofundarmos a idéia de *espaço fronteiro* que temos procurado apresentar. Pontuemos que os aspectos já avançados sobre a noção de fronteira dizem respeito, dessa maneira, não só aos limites externos ao aparelho psíquico como também às suas delimitações internas.

Considerando, então, a relevância dessa dimensão intrapsíquica para a problemática dos limites, passamos a examiná-la à luz das contribuições de Federn e

Anzieu. Estes dois autores desenvolveram teorizações nas quais a noção de limite também possui um papel muito relevante. Eles tratam especificamente da importância dos limites do eu, este enfoque sendo dos mais frutíferos para o avanço de nossa reflexão.

Iniciando por Federn esta sintética apresentação, já podemos indicar que ele exerceu significativa influência no pensamento de Freud, tendo se dedicado a questões muito próximas também daquelas que nos ocupam aqui, mesmo que sob uma ótica diferente, à medida que esteve especialmente voltado para o campo da psicose.

De acordo com Figueiredo (2003, Op. cit.), autor que nos servirá de guia nesta breve apreciação das idéias de Federn, este dá especial relevo aos primórdios da vida psíquica e ao processo de constituição do eu. Para ele, a criação dessa instância, assim como a eficácia de suas funções, depende essencialmente da construção de seus limites (fronteiras), tanto os que a diferenciam de seus objetos internos, quanto aqueles que a protegem dos estímulos provindos do exterior. Mas a formação desses limites não pressupõe, aqui, uma rigidez dos mesmos. As fronteiras do eu devem ser, pelo contrário, porosas e elásticas, sem impedir seu papel de integração. Segundo Federn, para que esses limites possam exercer essas funções de forma satisfatória, é preciso que tenham sido objeto de investimento pulsional (libidinal e agressivo).

Simultaneamente à constituição do eu, Federn supõe, como resultado desse processo de investimento pulsional das fronteiras, o estabelecimento do sentido de realidade. Ganha-se um senso de realidade, tanto interno quanto externo, quando as fronteiras do eu encontram-se bem delimitadas. Ao contrário, o caráter vacilante das fronteiras externas – em função da falta de investimento – pode gerar, no indivíduo, sentimentos depressivos e de despersonalização. Assim como as fronteiras externas, as

internas – que resguardam o psiquismo dos excessos pulsionais e dos elementos recalçados – também podem vir a ser abaladas. Como se daria, então, a constituição do eu na visão de Federn, tendo em vista a importância que ele concede à questão dos limites?

Segundo o autor, existiria um momento na vida do bebê em que as fronteiras do seu eu se encontrariam expandidas, abrangendo todos os objetos significativos para ele. Esta seria uma fase de confusão com o entorno (com os objetos), fase que alguns autores, tais como Grünberger, consideram como correspondentes ao estágio do narcisismo primário. Como já sublinhamos, consideramos mais pertinente pensar esse estágio inicial do desenvolvimento egóico não como sendo da ordem da anobjetalidade, mas da ordem de uma identificação especular.

De acordo com Federn somente a partir de uma redefinição dessas fronteiras iniciais, quando elas vêm a tornar-se mais exclusivas e diferenciadoras, é que podemos falar de uma verdadeira constituição do ego. Cabe lembrar que não só os excessos pulsionais ficariam de fora dessas fronteiras, sendo recalçados neste segundo momento do processo de desenvolvimento egóico, mas também os próprios estágios mais primitivos da existência do eu, nos quais haveria uma ilusão de um eu mais expandido.

Entendemos que o movimento de estreitamento das fronteiras do eu, movimento responsável por sua própria constituição, não é, em hipótese alguma, definitivo. Há diversas situações nas quais esses limites poderão e deverão ser re-arranjados. Porém, como esclarece Figueiredo, “ (...) em condições normais de funcionamento, o eu conserva seu perímetro e seu núcleo inconsciente mais ou menos estabilizados” (Figueiredo, 2003, Op. cit., p. 90). É essa estabilidade, essa sustentação das fronteiras no tempo, que poderá permitir a formação de um senso de realidade (tanto interno

quanto externo) bem desenvolvido, característica essencial das situações onde os modos de organização psíquica supõem o estabelecimento dos *espaços fronteirços*, conforme a nossa hipótese.

Essas são, portanto, algumas das contribuições de Federn que vêm auxiliar a nossa reflexão. Visando ainda avançar em nosso aprofundamento relativo às fronteiras egóicas, passamos ao estudo das contribuições de Didier Anzieu cujas idéias estão em continuidade com as de Federn, podendo então complementá-las. Assim como Federn, Anzieu também se preocupa com os estágios mais iniciais do desenvolvimento egóico. O que este último nos traz de mais original dentro dessa temática, é a noção de “eu-pele”.

Segundo Anzieu “o infans adquire a percepção da pele como superfície a partir das experiências de contato de seu corpo com o corpo da mãe e no quadro de uma relação de apego com ela tranqüilizadora” (Anzieu, 1989, p. 60). Isto significa que a partir de vivências como as de ser carregado no colo, ser lavado, manipulado e acariciado, é que esta criança poderá desenvolver um sentimento de envelope corporal, algo que vem marcar a diferença entre um dentro e um fora, um interior e um exterior. Além dessa dimensão delimitadora, a constituição desse envoltório comporta uma qualidade de confiança, uma sensação de base, “massa central” que poderá ser contida por esta superfície.

Como podemos observar, essas experiências infantis que acabamos de descrever são bastante importantes no que diz respeito à dimensão corporal. Porém, como nos mostra Anzieu, seus efeitos não se restringem a esse único registro. Paralelamente à construção dos limites corporais, há, também, a constituição do que este autor vai chamar de *Eu-pele*, a saber,

uma representação de que se serve o eu da criança durante fases precoces do seu desenvolvimento para se representar a si mesma como eu que contém os conteúdos psíquicos, a partir de sua experiência da superfície do corpo (Id., *ibid.*, p. 61).

Como o próprio termo sugere, a constituição do Eu-pele surge em *apoio* às principais funções da pele, dentre elas, a de retenção do bom e do pleno em seu interior, a de proteção contra os perigos externos e, ainda, a da capacidade de comunicação e troca com o meio (sendo todos esses aspectos referidos à dimensão psíquica, e não mais à dimensão física).

De acordo com Anzieu, o bebê recebe os “gestos” maternos “primeiro como uma estimulação e depois como uma comunicação. A massagem se torna uma mensagem” (Id., *ibid.*, p. 61).

Consideramos produtivas estas afirmações do autor, em particular a sua menção à noção freudiana de *apoio*. Haveria, na realidade uma dupla possibilidade de concebermos o “apoio” nessa passagem, ou seja, tanto da pulsão sobre o instinto, como do Eu-pele sobre a pele. Em outras palavras, a progressiva constituição de um sentimento de superfície corporal, baseada nas sensações biológicas (a partir da “massagem” na pele do bebê), serviria como apoio a um movimento paralelo de constituição egóica, como envelope psíquico – o Eu-pele (continente para o qual as “mensagens” referidas seriam endereçadas).

A que Anzieu estaria se referindo, então, quando trata de uma “massagem” que se torna mensagem, senão ao processo de erotização das fronteiras? Assim como Federn, Anzieu também vem assinalar a importância do investimento pulsional dos limites para o desenvolvimento da instância egóica. Primeiramente, como um eu estritamente ligado ao corpo – o eu-corporal – e só depois a possibilidade de diferenciar-se em um eu psíquico.

Mas Anzieu irá mais longe na sua investigação. Para ele não basta que as mensagens referidas sejam enviadas pela mãe no decorrer dos cuidados que oferece ao bebê. É preciso que elas possam refletir, o mais próximo possível, as necessidades tanto físicas quanto psíquicas deste último. A mãe deve, portanto, através de suas respostas sensoriais e de seus atos concretos, mostrar que interpretou corretamente tais necessidades. Somente a partir daí poderá construir-se

um envelope de bem-estar, narcisicamente investido, suporte da ilusão, necessário para estabelecer o Eu-pele, ao qual um ser colado do outro lado do envelope reage imediatamente em simetria complementar a seus sinais (...) (Id., *ibid.*, p. 66).

O processo de formação de um Eu-pele sob a vertente narcísica, que acabamos de descrever, possibilita a criação de fronteiras eficazes, fronteiras que têm correspondência com o que temos avançado sobre os *espaços fronteiricos*. Segundo Anzieu há, ainda, uma outra vertente sobre a qual o Eu-pele pode se desenvolver: a vertente masoquista. Esta via parece-nos, entretanto, estar mais de acordo com a idéia de um mau funcionamento desses limites.

Esses autores cujas idéias acabamos de apresentar puderam, portanto, contribuir em muito para o nosso estudo. Ao abordá-los buscamos, não apenas investigar a origem do processo de constituição das fronteiras ou conhecer algumas de suas funções, mas, principalmente, sublinhar a importância que adquirirão no processo de formação do ego, ou seja, em seu processo de diferenciação com relação à alteridade, tanto interna quanto externa (sem esquecer os limites desta instância com o corpo). Conforme aprendemos com Federn, o eu se constitui a partir dessas delimitações, sendo o sentido de realidade também consequência da formação destes limites.

Tendo explorado a importância da construção das fronteiras egóicas e, ainda, sua constituição no interior do aparelho psíquico, dirigimo-nos agora à questão relativa ao

modo de relação que aí irá se estabelecer. A esse respeito, a noção de conflitualidade que Dominique Scarfone (1994) desenvolve pode nos ser útil.

II.2.4 A conflitualidade nas fronteiras entre o eu e o outro

Através da idéia de conflitualidade, uma espécie de visão positivada da noção de conflito psíquico, Scarfone ancora-se em algumas concepções de Jean Laplanche, como as de "ligação" e "des-ligação". É importante lembrar que, nessa linha de pensamento não se trataria de duas forças antagônicas, definidas como pulsão de ligação e pulsão de des-ligação, referidas respectivamente ao Ego e ao Id, mas de dois processos, dois modos de funcionamento que podem estar presentes nos diferentes níveis tópicos.

Segundo Scarfone, uma vez tendo ocorrido a divisão interna do psiquismo – por efeito do recalçamento primário – o eu deverá conflitualizar para poder manter-se, ou seja, essa instância passa a utilizar-se do conflito como forma de defesa na luta contra as forças de desligamento do Id. A conflitualidade diz respeito, portanto, a esse processo mais geral, não necessariamente patogênico, no qual o ego se esforça em sua tarefa de ligar o que se encontra desligado, de dar forma e sentido ao que tende a escapar a esse trabalho.

O que gostaríamos de ressaltar dentro dessa concepção de conflito é a dimensão de ligação que ela contém, ligação suposta como estando presente mesmo quando o seu resultado tem caráter insatisfatório, ou seja, no caso do conflito neurótico. Como o autor nos mostra, “o conflito psíquico (independente de sua natureza neurótica) já é ele próprio uma forma de ligar as forças opostas, forças onde o [próprio] confronto marca um sentido possível, (...)” (Scarfone, 1994, p. 2. A tradução é nossa.). Nesta citação, Scarfone parece enfatizar, ponto que julgamos ter muita pertinência, que o simples fato

de as forças referidas poderem confrontar-se já demonstra a presença, aí, da construção de um sentido possível, mesmo que – como é o caso da neurose – este apresente um caráter incipiente ou fixo.

Se compreendermos, então, as relações estabelecidas nos *espaços fronteirços* como relações de conflitualidade, concluímos que enquanto esses espaços estiverem presentes, o campo de batalha se encontrará preservado e a possibilidade de vitória, resguardada. A simples existência deles já é suficiente para se supor uma área de confronto e luta, o que pressupõe que algum modo de ligação pôde ser efetivado, e alguma espécie de compromisso, estabelecida. Isto representa, segundo Scarfone, a capacidade que o eu tem para amar, capacidade para integrar em si uma parte do outro, característica essencial nessa nossa teorização sobre o *espaço fronteirço*.

Ainda com relação às idéias de Scarfone, gostaríamos de mencionar um último aspecto. Paralelamente ao desenvolvimento que propõe sobre a conflitualidade, ele vai abordar uma outra modalidade de relação na qual as forças de des-ligação, anteriormente referidas por nós, vencem as da ligação – onde não se faz possível nem mesmo o estabelecimento de um campo de batalha entre elas. Conforme nos mostra Cardoso em um comentário a respeito dessa situação: “Ora, a des-ligação é algo totalmente diferente: princípio que vem desligar essa mesma ‘conflitualidade’ e que, assim, se opõe a qualquer forma de contenção ou de limitação do ataque pulsional” (Cardoso, 2002, p. 128).

II.2.5 Os limites como zonas de elaboração psíquica

A noção de conflitualidade, acima abordada, remeteu-nos a um aspecto fundamental da nossa explanação sobre os *espaços fronteirços*: o processo de

integração do outro ao eu. Esse aspecto é reforçado por vários autores, embora nem sempre isso se faça de forma explícita. Quando afirma: “O que nós compreendemos agora, é que os limites são zonas de elaboração psíquica” (Green, 1999, Op. cit., p. 34. A tradução é nossa), Green está justamente se remetendo a essa dimensão do limite, onde o outro vem a se tornar familiar. Em que consistiria esse processo de elaboração psíquica nas fronteiras entre o eu e seus objetos, senão na capacidade que este primeiro tem de ligar as excitações provindas do outro, integrando-as ao próprio psiquismo e tornando-as parte de si mesmo?

Vejamos o que o *Vocabulário da Psicanálise* indica sobre a noção de elaboração psíquica:

Expressão utilizada por Freud para designar, em diversos contextos, o trabalho realizado pelo aparelho psíquico com o fim de dominar as excitações que chegam até ele e cuja acumulação corre o risco de ser patogênica. Este trabalho consiste em integrar as excitações no psiquismo e em estabelecer entre elas conexões associativas (Laplanche & Pontalis, 1998, Op. cit., p. 143).

A partir dessa definição da noção de elaboração, podemos concluir que o processo de elaboração tem a ver com o domínio das excitações. Estas, que antes se encontravam ativas, por ocasião do encontro eu/outro, deverão ser apassivadas e, o sujeito – passivo num primeiro momento – vai agir, tentando dominá-las a qualquer preço.

Em “Modernidade, trauma e dissociação: a questão do sentido hoje”, Figueiredo, (2003) propõe uma discussão que também nos auxilia a analisarmos o processo de elaboração psíquica. Estamos nos referindo particularmente ao que o autor desenvolve a respeito da concepção de sentido. Segundo ele, “sentido é o que se faz quando se *discrimina* e se *articula*, e só nessas atividades ele ‘existe’” (Figueiredo, 2003, Op. cit., p. 36). Não se trata de retomar todos os elementos

envolvidos nesse texto, mas de mostrar de que forma essas atividades estariam referidas ao modo encontrado pelo indivíduo para lidar com aquilo que, advindo do outro, é excessivo, aquilo que ultrapassa a sua capacidade de simbolização.

Diante do caos gerado pelo encontro com a diversidade e a variação (o diferente), o indivíduo irá buscar a ordem, ou seja, irá exercer a tarefa de separação/dissociação e purificação. Essas tarefas geram dicotomias, como sujeito/objeto, corpo/mente, e assim por diante. Porém, à medida em que se progride nesse movimento, vão surgindo alguns aspectos refratários a qualquer purificação. Há, portanto, a produção da ambigüidade, dos híbridos, elementos não passíveis de qualquer classificação. São estes que Figueiredo considera traumáticos, e que clamam por uma nova tentativa de produção de sentido.

Conforme observamos, há um paradoxo no processo de atribuição de sentido. Ao mesmo tempo em que se alcança certo sucesso em sua tarefa de *discriminação*, algo escapa à mesma, exigindo uma *re-articulação* disso que escapou. É baseado, então, nessas duas atividades aparentemente opostas que Figueiredo vai compreender o sentido, como já havíamos indicado. Essa concepção nos faz lembrar, ainda, do paradoxo, já abordado por nós, a respeito do duplo movimento de união e separação característico dos *espaços fronteiros*. O que queremos ressaltar aqui é, portanto, a idéia desses *espaços* como zonas de elaboração psíquica, ou seja, zonas onde o outro pode ser apropriado pelo eu e o seu sentido, assimilado.

As convergências entre essas idéias de Figueiredo e as que temos avançado aqui não se esgotam, porém, neste ponto. Segundo o autor “ (...) o sentido não reside em parte alguma, nem no espírito, nem na linguagem, nem no corpo, nem nos afetos” (Id., *ibid.*, p. 35) e a idéia de fazer sentido deveria ser compreendida como “dar

passagem”. Diz ele: “(...) que os afetos passem às linguagens, que as linguagens passem aos corpos, que os corpos passem aos afetos, que cada um dê passagem aos demais, e assim por diante” (Id., *ibid.*, p. 36).

A partir dessas proposições do autor, levantamos as seguintes questões: poderíamos considerar esse “não-lugar” do sentido, ao qual Figueiredo faz referência, como correspondente àquele que temos definido a respeito dos *espaços fronteiros*? Poderíamos considerar que essa dimensão de “dar passagem” está em sintonia com as idéias que propomos sobre esses espaços?

Desenvolvendo a idéia de espaço fronteiro – objetivo principal deste capítulo – pudemos não somente apresentar a contribuição de diversos autores que se dedicaram especialmente à questão das fronteiras, dos limites, indicando os pontos de articulação com o nosso pensamento, mas também estabelecer uma discriminação entre suas idéias e aquelas que norteiam a nossa reflexão. A partir dessa delimitação, visamos a abertura de vias de elaboração dessa temática.

III

A VIOLÊNCIA DO ENCONTRO COM O OUTRO: A QUESTÃO DAS FRONTEIRAS NOS "ESTADOS LIMITES"

Até agora vimos trabalhando a noção de fronteira sem nos preocuparmos com as particularidades que esta poderia assumir nas diferentes patologias. Buscamos conhecer como ela se origina, quais as suas principais funções e quais os aspectos interligados à mesma. Utilizamos para este fim uma expressão particular, a de *espaço fronteiro*, na qual nossas próprias hipóteses puderam ser exploradas. Nosso objetivo quanto a este terceiro capítulo é, então, o de a partir do que já avançamos a respeito dos *espaços fronteiros* – em especial aqueles que distinguem o eu de seus objetos – investigar quais seriam as suas especificidades nos estados limites. Interessa-nos conhecer a singularidade da dinâmica própria à formação e manutenção dessas fronteiras com a alteridade. Para tanto retornaremos a algumas problemáticas já tratadas nos capítulos anteriores, buscando repensá-las sob uma outra perspectiva, diferente daquela que vínhamos seguindo.

III.1 A desorganização dos limites intrapsíquicos

Mais uma vez, consideramos as contribuições de Green bastante apropriadas para iniciarmos esta nossa pesquisa. Segundo este autor,

(...) nos casos limites não se trata simplesmente do problema dos limites do ego, mas também da desorganização dos limites no interior do aparelho psíquico, isto é, da importância de mecanismos que acarretam tanto esclerose e rigidez entre as diferentes partes do aparelho psíquico e não apenas na relação do ego com o objeto como, também, da permeabilidade excessiva entre o ego, o id e o superego, o que leva a conceber o limite como um conceito suscetível de nos ajudar na compreensão da psicopatologia dos casos-limites (Green, 1990, Op. cit., p. 13).

A propósito desta passagem, retirada de uma conferência apresentada por Green acerca da metapsicologia dos limites, gostaríamos de marcar alguns aspectos relevantes. O primeiro deles é a importância que este autor concede ao estudo do "conceito" de limite para a compreensão da "psicopatologia dos casos limites", fato que despertou nosso interesse por um maior aprofundamento da temática.

O segundo aspecto que nos levou a destacar este trecho da conferência de Green refere-se à menção que faz às especificidades adquiridas pelas fronteiras (não só aquelas relativas ao eu e à alteridade, mas todas as demais presentes no aparelho psíquico) nos casos referidos. De acordo com as idéias desse autor, e em conformidade com a nossa forma de pensar, os estados limites seriam caracterizados por uma espécie de desorganização em seus limites, com um acréscimo de rigidez dificultando a sua qualidade comunicativa, ou com uma permeabilidade excessiva que impede um distanciamento necessário à manutenção das partes divididas.

Embora não se refira aí diretamente aos limites entre o eu e o outro, um pouco mais adiante Green vai mencionar de que forma a problemática tratada poderá apresentar-se, nesta fronteira em particular. A relação do eu com os seus objetos, nos

estados limites, é marcada por dois tipos de angústia: a angústia de separação e a angústia de intrusão.

De fato, se centralizássemos os acontecimentos em torno dessa dupla angústia, poderíamos efetivamente compreender que falamos de limites existentes entre o ego e o objeto, seja quando o objeto parece inacessível, inatingível, sempre fora do alcance do indivíduo, seja, ao contrário, quando temos o objeto "mordendo" o território do ego, perseguindo-o dentro de seu próprio território (Green, 1990, Op. cit., p. 13).

Em sintonia com essas idéias, Figueiredo considera que “ambas [as angústias], abandono e perda ou engolfamento, seriam ‘doenças das fronteiras do ser’ (...)” (Figueiredo, 2003, Op. cit., p. 82). Podemos pensar, então, cada uma dessas angústias vivenciadas pelo ego como relacionadas às características inerentes a uma desorganização nos limites – a excessiva permeabilidade e o seu caráter paradoxal de rigidez. Retornaremos a essa questão posteriormente.

Quais seriam os fatores relacionados a essa desorganização das fronteiras entre o eu e o outro? De que forma essas fronteiras poderão tornar-se mais rígidas ou mais flexíveis, propiciando um sentimento de angústia específico a cada uma dessas variações? Insistindo na citação de Green, é possível encontrarmos aí o caminho para a resposta às nossas questões. Conforme pudemos observar, este autor fala da importância de *mecanismos* que acarretam tanto esclerose e rigidez como uma permeabilidade excessiva nas fronteiras. Embora ele não deixe muito claro, nesta passagem, a que espécie de mecanismos estaria se referindo, pensamos que esta é uma importante pista para seguirmos em nosso aprofundamento da questão.

III.2 Os mecanismos em jogo nos "estados limites"

Tendo em vista as particularidades da organização psíquica dos estados limites, como por exemplo a precariedade em suas fronteiras, o estudo dos mecanismos aí atuantes remete-nos obrigatoriamente às defesas menos elaboradas. Segundo Cardoso

O recurso a modos primários de defesa supõe uma má diferenciação entre sujeito e objeto; supõe, igualmente, a precariedade das fronteiras egóicas em relação à alteridade interna, não dispondo o sujeito de reservas narcísicas suficientes para exercer numa maior margem de manobra em sua relação com o objeto. Há aí uma espécie de encaixe entre a problemática narcísica e a objetal, campo da patologia dos limites (Cardoso, 2001, p. 50).

Vamos concentrar-nos em apenas alguns destes mecanismos que direta ou indiretamente contribuem para o modo de funcionamento psíquico nos estados limites.

O primeiro mecanismo que desperta o nosso interesse é a clivagem. Esta será tematizada pela maior parte dos autores que trabalham com os estados limites, embora possamos encontrar algumas divergências quanto às idéias desenvolvidas a esse respeito. Utilizaremos especialmente as contribuições de René Roussillon, já que além de apresentar uma visão muito particular quanto a este processo, visão que compartilhamos, este autor trata ainda de alguns mecanismos complementares que também gostaríamos de abordar.

Embora o livro de Roussillon em que nos basearemos, *Agonie, Clivage et Symbolisation* (1999), não trate diretamente dos estados limites, ele discute aí problemáticas bastante pertinentes a este campo de pesquisa. Paralelamente à apresentação das suas idéias, utilizaremos a contribuição de outros autores, buscando sempre uma articulação com o nosso ponto de vista.

Roussillon ressalta como principal objetivo do seu livro a descrição de um modelo unitário de processo que se encontraria operante nas diferentes formas de patologia narcísica. Este modelo, alternativo e complementar ao descrito por Freud a respeito da neurose, funda-se

sobre a hipótese de uma organização defensiva contra os efeitos de um traumatismo primário clivado, e a ameaça que este, submetido à pressão da repetição, continua a exercer sobre a organização do psiquismo e da subjetividade (Roussillon, 1999, Op. cit., p. 9. A tradução é nossa.).

Dentre os principais elementos do seu pensamento que poderão ajudar-nos em nosso objetivo, o primeiro é a sua teorização a respeito da concepção de clivagem, e a importância que esta tem em sua visão. Roussillon compreende este mecanismo como central dentro do modelo que pretende descrever: “(...) parece-me importante pensar um modelo em conjunto com o sofrimento identitário-narcísico, e subsumir as formas deste sob a égide de um processo único: a clivagem” (Id., *ibid.*, p. 21. A tradução é nossa.).

Outro aspecto que merece nossa atenção é a relevância concedida à constante ameaça que os "produtos" gerados pelo processo de clivagem irão exercer sobre o aparelho psíquico. Roussillon refere-se a essa ameaça como o "retorno do clivado" em analogia ao "retorno do recalcado", descrito por Freud. Haveria, portanto, uma pressão por parte do clivado no sentido de um retorno, e em consequência o psiquismo aciona suas defesas.

III.2.1 A "clivagem ao eu"

Roussillon considera o mecanismo da clivagem como central dentro do modelo que busca construir, alternativo ao da neurose, mas não está se referindo aí à "clivagem do eu" descrita por Freud. O que Roussillon compreende como um processo similar guarda algumas distinções importantes quanto a esta concepção.

O termo *Spaltung* [clivagem] pode ser encontrado nos escritos mais antigos de Freud. Sua utilização, entretanto, é então bastante rara, sem revelar um sentido expressivo quanto à teoria psicanalítica como um todo. Somente mais tarde, a partir da

conceituação do *Ichspaltung* ["clivagem do eu"] é que a noção ganha um significado específico, tornando-se então uma ferramenta conceitual importante. É em artigos como o "Fetichismo" (1927e), "A divisão do ego no processo de defesa" (1940e [1938]) e "Esboço da psicanálise" (1940a [1938]) que Freud virá a defini-la de forma mais sistemática.

De acordo com o "*Vocabulário da psicanálise*" a clivagem do eu é uma:

Expressão usada por Freud para designar o fenômeno muito particular – que ele vê operar sobretudo no fetichismo e nas psicoses – da coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior quando esta contraria uma exigência pulsional. Uma leva em conta a realidade, a outra nega a realidade em causa e coloca em seu lugar uma produção do desejo. Estas duas atitudes persistem lado a lado sem se influenciarem reciprocamente (Laplanche & Pontalis, 1998, Op. cit., p. 65).

Segundo Freud, as atitudes coexistentes no seio do ego, no caso do fetichismo, relacionam-se à realidade da castração. Há, dessa maneira, uma divisão egóica como conseqüência da rejeição "parcial" da idéia de castração. O menino, ao deparar-se com a nudez da mulher e não vendo nela um pênis, reage rejeitando energeticamente sua percepção. Essa rejeição, no entanto, nunca consegue êxito absoluto. A rejeição é sempre suplementada por um reconhecimento da percepção. Daí a divisão no ego. Enquanto uma determinada corrente da vida mental deste menino, submetida ao seu desejo, nega a ausência de pênis na mulher, outra corrente, mais de acordo com a realidade exterior, reconhece a percepção do fato.

Estas são, portanto, as principais idéias presentes em Freud a respeito da "clivagem do eu". Conforme havíamos dito, Roussillon pensa este mecanismo de forma um pouco diferente da de Freud.

À diferença da clivagem evocada por Freud no artigo de 1937, "A clivagem do ego no processo de defesa", que descreve a ruptura de um eu esquarterado entre duas correntes representativas incompatíveis entre elas, a clivagem que nós descrevemos despedaça a subjetividade entre uma parte representada e uma parte não representada (...) (Roussillon, 1999, Op. cit., p. 21. A tradução é nossa.).

Visando, portanto, enfatizar suas divergências com relação à "clivagem *do* eu" descrita por Freud, Roussillon chama esse "outro" mecanismo, em que os traços da experiência traumática jamais fizeram parte do ego, de "clivagem *ao* eu". Segundo o autor, poderíamos inclusive denominá-lo "clivagem da subjetividade", já que a parte não-representada à qual se refere, mesmo não fazendo parte do ego, encontra-se presente no psiquismo, e conseqüentemente na subjetividade como um todo.

Uma visão semelhante a respeito desta questão poderá ser encontrada em Cardoso, no seu livro sobre o Superego. Embora buscando objetivos distintos daqueles visados por Roussillon, esta autora também irá questionar o termo "clivagem do eu" como ferramenta conceitual útil. Entretanto, diferentemente de Roussillon que cria uma "nova" categoria – a "clivagem ao eu" – para dar conta desses elementos da experiência que não puderam ser assimilados pelo ego, Cardoso prefere pensá-los segundo o próprio modelo do recalçamento, isto é, como fruto de um fracasso radical neste último. Diz a autora:

A propósito do processo implicado, podemos perguntar-nos inicialmente se seria desejável invocar um modelo diferente daquele do recalçamento. A especificidade desse processo não poderia ser pensada a partir desse mesmo modelo e ser encarada como fracasso radical do recalçamento? (Cardoso, 2002, Op. cit., p. 89).

Para descrever a condição de tais elementos no aparelho psíquico, Cardoso lança mão da noção de "*enclave* psicótico", reforçando com isso sua qualidade de exterioridade/estrangeiro com relação ao ego. Segundo Cardoso: "A idéia de *enclave* psicótico vai, realmente, no sentido inverso de uma integração no sistema do ego (...)" (Id., *ibid.*, p. 84).

Não é nosso interesse manter aqui uma discussão mais aprofundada quanto às teorizações dessa autora, embora seus argumentos possam ser bastante ricos no que se

refere à nossa proposta. Gostaríamos, entretanto, de marcar, juntamente com as suas idéias e aquelas presentes em Roussillon, a dificuldade de se propor uma clivagem no interior do ego. Parece-nos, inclusive, que tal visão poderia ser ratificada, de certa maneira, pelo pensamento freudiano, tendo em vista as dificuldades aí encontradas quanto a sua definição.

Logo no início do texto “A divisão do ego no processo de defesa” (Freud, 1940a [1938]), já podemos observar alguns problemas gerados em torno da concepção de “clivagem do eu” descrita por Freud. Diz o autor a esse respeito: “Encontro-me, por um momento, na interessante posição de não saber se o que tenho a dizer deve ser encarado como há muito tempo conhecido ou como algo inteiramente novo e enigmático” (Id., *ibid.*, p. 293). Embora em uma análise apressada a dúvida expressa por este autor possa parecer um tanto simplória, um olhar mais atento revela-nos uma outra perspectiva. Freud estaria se questionando aqui quanto à possibilidade da criação de uma nova ferramenta conceitual, metapsicológica, diferente daquela do recalçamento. O conceito teórico que descreve para fazer frente ao mecanismo de recalque é, entretanto, o da recusa (*Verleugnung*). Diferentemente do recalque que promove uma divisão do psiquismo em instâncias, a recusa vai gerar uma divisão no interior do próprio ego, a clivagem do eu (*Ichspaltung*).

O que se observa nos textos freudianos a respeito dessa temática é, então, uma constante oscilação onde, ora Freud aproxima os dois mecanismos em questão, ora afasta-os, procurando marcar mais nitidamente suas diferenças. No texto sobre o fetichismo, por exemplo, vai afirmar quanto a esta patologia, a possibilidade de se chegar a um compromisso entre a cadeia de pensamento percebida e aquela rejeitada diante da situação conflituosa. Diz ele: “no conflito entre o peso da percepção

desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso (...)” (Id., 1927, Op. cit., p. 156). Esse compromisso, como ele mesmo reforça, "só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento – dos processos primários" (Id., *ibid.*, p. 156-57). Seria, portanto, a partir do próprio fetiche, ou seja, da adoção de um substituto, no corpo da mulher, para o pênis que lhe falta, que se daria o compromisso ao qual Freud faz referência.

Embora tenha mencionado no texto citado a possibilidade de se chegar a uma espécie de conciliação a partir da criação do fetiche, o próprio Freud parece distanciar-se dessa hipótese em outros momentos, quando resiste à idéia de que algo semelhante a um compromisso poderia estar presente paralelamente à ação do mecanismo de clivagem. Esta segunda visão encontra-se em seu artigo “Esboço de Psicanálise” (1940a [1938]):

Ora, seria incorreto descrever este processo, quando um fetiche é construído, como divisão do ego; ele é uma conciliação formada com a ajuda do deslocamento, tal como aquela com que nos familiarizamos nos sonhos. Mas nossas observações nos revelam ainda mais. A criação do fetiche foi devida a uma intenção de destruir a prova da possibilidade de castração, de maneira que o temor desta possa ser evitado (Id., *ibid.*, p. 216).

O que Freud parece ressaltar a partir do trecho descrito é que embora haja uma certa conciliação na construção do objeto-fetiche, a intenção deste processo defensivo não diz respeito à manutenção, mas à exclusão por completo de qualquer vestígio da percepção desagradável.

É, portanto, esse segundo ponto de vista, presente no pensamento freudiano, que nos interessa. Compreendemos o processo de clivagem como um mecanismo que busca destruir qualquer espécie de ligação com os traços da experiência traumática, sendo estes últimos mantidos sob um regime de separação bem mais rigoroso do que aquele promovido pelo efeito do recalçamento. Por que então continuar considerando estes

traços como pertencentes ao ego? Essa é a questão que propomos juntamente com Roussillon e Cardoso, e que consideramos de fundamental importância para nossas hipóteses.

III.2.2 O "retorno do clivado" e as defesas contra esse retorno

Conforme marcamos anteriormente, Roussillon desenvolveu uma teoria bastante rica, e seu objetivo vai além de descrever um simples processo defensivo. O que busca, na verdade, é compreender todo o funcionamento da organização estrutural relativa às patologias do narcisismo. Para tanto este autor teve de criar algumas hipóteses complementares, dentre as quais daremos destaque à sua idéia do "retorno do clivado".

Segundo Roussillon os traços da experiência traumática primária, clivados, só desaparecem sob o ponto de vista da subjetividade consciente. Embora não estando submetidos à ação do recalque, permanecem presentes no que se refere à subjetividade inconsciente, podendo ser reinvestidos de forma semelhante à que ocorre com os produtos do recalque. Como seria possível o reinvestimento desses traços de experiências que nunca geraram prazer?

De acordo com Roussillon, a teoria de Freud a respeito da realização alucinatória do desejo é insuficiente e incompleta. O reinvestimento dos traços mnésicos poderia ocorrer não apenas nas experiências que um dia geraram prazer, como também naquelas em que nunca houve vestígio algum de satisfação. Diz este autor:

Ora, o que S. Freud sublinha claramente em "Além ...", a propósito das experiências traumáticas (das neuroses traumáticas) é que a compulsão à repetição – por isso também o reinvestimento dos traços mnésicos – se exerce sobre as experiências nas quais não há traços de satisfação” (Roussillon, 1999, Op. cit., p. 48. A tradução é nossa.).

Dessa forma, o que seria reinvestido alucinatoriamente na concepção de Roussillon, seriam os traços de memória da experiência de encontro com o objeto, independentemente de esta ter sido satisfatória ou não.

Uma maior compreensão desse ponto específico da teoria de Roussillon exigiria o estudo do que este autor vai chamar de “modalidades de ligação primária não-simbólica” (Id., *ibid.*, p. 23). Estas modalidades dizem respeito às diferentes formas de apreensão/gravação desses traços clivados da experiência traumática. Embora suas idéias a respeito possam ser bastante ricas, uma dedicação às mesmas nos desviaria demais de nosso objetivo.

Agora que compreendemos que os traços clivados da experiência poderão ser reativados, é preciso conhecer quais seriam as particularidades desse processo. Roussillon afirma a respeito do "retorno do clivado": “E à medida que ele não é de natureza representativa, (...), é em ato que corre o risco de manifestar seus efeitos, isto é, que corre o risco de reproduzir o próprio estado traumático” (Id., *ibid.*, p. 22. A tradução é nossa.). Embora este autor não se aprofunde em sua explicação a respeito desta questão, podemos recorrer a outra passagem de seu livro que nos ajudará a compreendê-la melhor. Referimo-nos à idéia que ele desenvolve a respeito da especificidade do fenômeno transferencial, relativa às patologias narcísicas.

Roussillon vai propor, de acordo com o modelo que visa construir, uma "transferência por retorno", contrapondo-se à "transferência por deslocamento" já teorizada por Freud a respeito da neurose. Diferentemente desta, o que ocorre na transferência por retorno é que “o sujeito vem, em paralelo, mas clivado de suas possibilidades de integração, fazer o analista viver o que ele não pôde viver de sua história” (Id., *ibid.*, p. 14. A tradução é nossa.). Podemos pensar, dessa maneira, o

"retorno do clivado" como um processo similar a este. Haveria, assim, por parte do indivíduo, uma repetição daquelas experiências traumáticas de sua relação com o outro, em paralelo à sua vivência consciente, sem que se possa, entretanto, integrar ou estabelecer vínculo algum entre esta e esses elementos clivados que retornam. Cabe lembrar aqui as diferenças existentes entre um processo transferencial, diríamos até experimental, e um retorno espontâneo dessa alteridade clivada, a que o indivíduo encontra-se sujeito no decorrer da vida.

Dando agora continuidade às idéias de Roussillon, podemos pensar, juntamente com ele, que não basta ao aparelho psíquico defender-se dos traços da experiência traumática através da clivagem. Será preciso ainda organizar-se contra um possível retorno destes. O autor descreve, então, algumas formas encontradas pelo psiquismo para proteger-se contra o "retorno do clivado", ou apesar do mesmo.

Uma das vias investigadas pelo autor é mais significativa dentro do nosso trabalho. Estamos nos referindo à "neutralização energética". De acordo com Roussillon, este mecanismo, que pode ser utilizado apenas de modo adicional ou, ainda, representar o principal dentre aqueles empregados,

consiste principalmente em tentar neutralizar o retorno do clivado por uma organização em conjunto com a vida psíquica destinada a restringir tanto quanto possível os investimentos de objeto e as relações que correm o risco de reativar a zona traumática primária e o estado de falta degenerativo que a acompanha (Id., *ibid.*, p. 25. A tradução é nossa.).

A partir da utilização do mecanismo em questão, toda relação que ameace despertar os elementos excluídos do eu será evitada, todo compromisso, neste sentido, restringido e, juntamente com eles, a vida de uma maneira geral. Como consequência deste procedimento o autor coloca em primeiro plano o empobrecimento do ego. Como nos diz Roussillon: "O empobrecimento do eu, já referido por Freud a propósito do

‘traumatismo 1920’, aparece como uma característica geral desses diferentes quadros clínicos (...)” (Id., *ibid.*, p. 24. A tradução é nossa.).

Gostaríamos de fazer aqui um breve comentário com relação à defesa descrita. Há, na realidade, um paradoxo nas relações entre o eu e a alteridade clivada. Ao mesmo tempo em que esta instância se defende contra o "retorno do clivado" afastando-se dos seus objetos e evitando qualquer tipo de contato ameaçador, por outro lado ela também se expõe aos mesmos, já que sua existência não prescinde deles, sua vida se alimenta da união com esses objetos que vão adquirir um valor de absoluto para ela. Nesse sentido, podemos pensar o "retorno do clivado" não apenas como uma situação de passividade do ego diante deste outro que o invade, mas também como uma defesa contra o próprio afastamento do objeto.

Apresentamos, portanto, algumas idéias desenvolvidas por Roussillon que acreditamos serem de grande utilidade ao seguimento de nossa pesquisa. Recordemos agora quais foram as questões que teriam nos levado ao estudo deste autor. Procurando conhecer os mecanismos subjacentes à dinâmica fronteira, nos estados limites, buscávamos saber que mecanismos eram estes, e de que forma poderiam contribuir para a compreensão das especificidades dos *espaços fronteiros*, sua excessiva permeabilidade e o paradoxal acréscimo em sua rigidez.

Segundo a nossa hipótese, a "clivagem ao eu" deve ser considerada como o mecanismo central, organizador – ou, para mantermos a idéia de Green, desorganizador – dos *espaços fronteiros* entre o eu e a alteridade, nos estados limites. A compreensão da dinâmica desses espaços torna-se, porém, insuficiente, tendo em vista unicamente a ação desse mecanismo, impondo-se que consideremos ainda os processos adicionais a

ele relacionados. Considerando a ação dos mecanismos descritos, qual a nossa hipótese relativa às especificidades da relação entre o eu e a alteridade, nos estados limites?

III.3 A formação e a manutenção dos espaços fronteiriços

Em primeiro lugar é preciso ressaltar a que "alteridade" estamos nos referindo quanto tratamos dos estados limites. Ao colocarmos a ênfase na importância do mecanismo de clivagem *ao* eu, de preferência à clivagem *do* eu, nos casos em questão, buscamos marcar justamente uma especificidade deste outro, a saber, o seu caráter "inassimilável". O outro clivado é, portanto, aquele que não pode ser apropriado dentro dos domínios do eu, um outro cujo encontro é sempre traumático, seja pela sua dimensão de falta, seja pelo seu caráter excessivo. Tendo em vista a importância deste aspecto traumático nas relações com os objetos, estabelecidas nos estados limites, buscaremos fazer uma breve menção ao mesmo.

De acordo com André a respeito destes pacientes:

“A insegurança que sentem, seu medo de perder o amor, tudo isso dá evidências, através dos limites pouco firmes do seu ego, da origem traumática do seu desenvolvimento patológico” (André, 1999:, Op. cit., p. 73).

III.3.1 A questão do traumático nos estados limites

Juntamente com os demais autores que se dedicaram ao estudo dos estados limites, pensamos haver algo da ordem do traumático que orienta a história destes casos. Segundo a nossa hipótese, essa dimensão traumática vivenciada irá influenciar

diretamente os destinos dos *espaços fronteiros* constituídos nestas formas de organização psíquica. Roussillon, por exemplo, é um desses autores que puderam destacar a importância das experiências referidas ao estabelecimento de certos quadros psicopatológicos. Embora preocupado com o modelo específico das patologias narcísicas, conforme vimos, ele vai falar de um traumatismo primário para referir-se àquele traumatismo que, mais do que afetar a experiência de uma forma secundária, atinge a própria organização do processo psíquico, e com ela a possibilidade de simbolização primária. Para Roussillon o processo psíquico será caracterizado por um estado de desamparo, por experiência de tensão e desprazer sem representação, sem saída, sem recursos internos nem externos – estado para além da falta e da esperança, enfim uma situação extrema da subjetividade.

Embora este autor avance um pouco mais em sua teorização a respeito do traumatismo primário, é em Freud que ele busca sua base. A situação traumática será concebida, desta forma, como um arrombamento do pára-excitação. Conforme Freud propõe: “parece-me que o conceito de trauma implica necessariamente uma conexão desse tipo com uma ruptura numa barreira sob outros aspectos eficaz contra os estímulos” (Freud, 1920g, Op. cit., p. 40). Ocorreria, neste sentido, um transbordamento, um afluxo de excitação no aparelho psíquico, seja em função da imaturidade dos meios de que este dispõe para proteger-se, seja devido à própria intensidade, à violência das quantidades aí engajadas. Diante desta "situação extrema", Roussillon descreve como única saída encontrada pelo psiquismo, a "clivagem ao eu", ou seja, a clivagem de uma parte da subjetividade.

Assim como Roussillon, Figueiredo (2003, Op. cit.) também propõe a idéia de um traumatismo a partir do qual a própria vida psíquica é posta em cheque. Chama-o,

entretanto, de "traumatismo destruidor e impossibilitador da vida psíquica", como contraponto ao "traumatismo constitutivo" que permite a construção de um aparelho psíquico dividido em sistemas e capaz de fazer uso de defesas mais sofisticadas, como o recalque. A partir desta visão de um traumatismo destruidor da vida psíquica, desenvolvida por Figueiredo e em sintonia com as idéias de Roussillon acerca do traumatismo primário, é que pensamos a questão do traumático, evidenciada na história dos estados limites.

III.3.2 Angústia de separação e angústia de fusão nas fronteiras entre o eu e o outro

Quais seriam então os efeitos de um tal traumatismo na constituição e na manutenção dos *espaços fronteiros*?

Retomando, então, a diferenciação proposta por Figueiredo, nossa hipótese é que enquanto o traumatismo constitutivo permite a formação dos *espaços fronteiros*, e conseqüentemente um comércio equilibrado entre o eu e os seus objetos, o traumatismo patológico ou destruidor da vida psíquica, ao contrário, prejudica o estabelecimento desses *espaços*, promovendo uma separação radical entre as duas partes envolvidas.

Seja por uma ausência de recursos eficazes por parte de um ego incipiente, seja pela violência com que o outro se apresenta em seu caráter excessivo ou de privação/falta, na vida intrapsíquica do sujeito, o que se revela nos estados limites é a precariedade no trânsito desses *espaços fronteiros* em relação ao eu e ao outro, conforme indicamos. A partir de então ocorre uma constante oscilação, de modo que esse outro ora é lançado violentamente para longe, sendo clivado de qualquer possibilidade de comunicação com o eu, ora é percebido como retornando de forma

maciça, invadindo completamente esta instância e dela se apoderando – o "retorno do clivado". O sujeito é, dessa maneira, recolocado constantemente num estado intenso de desamparo, repetindo de forma compulsiva uma experiência traumática, de passividade radical vivida. Como assinala Figueiredo, a respeito dessa compulsão à repetição nos estados limites: “O que se repete aqui é o próprio padrão cíclico e pendular ‘tudo bom – tudo mau’, ‘tudo dentro – tudo fora’, ‘só presente – só ausente’” (Figueiredo, 2003, Op. cit., p. 87).

Ainda insistindo nesse caráter oscilatório característico da dinâmica fronteira dos estados limites, gostaríamos de aprofundar-nos um pouco mais em nossa investigação. Para tanto retomaremos as principais idéias de Federn apresentadas no capítulo anterior e as contribuições de Figueiredo com relação a este autor.

Conforme Figueiredo propõe a partir das idéias de Federn:

O que poderíamos supor é que nos pacientes *borderline* ocorrem súbitas variações nas capacidades inclusiva/exclusiva das fronteiras do eu, e formas antigas e reprimidas do eu podem ressurgir com violência (Figueiredo, 2003, Op. cit., p. 90).

As fronteiras do ego estariam sujeitas, dessa maneira, a um duplo movimento: ora se ampliariam de forma assustadora, abrangendo dentro de si todos aqueles objetos que antes faziam parte do mundo externo – sendo esta instância invadida, ainda, pela emergência do pulsional (movimento que aponta para a restauração de uma condição própria ao narcisismo primário) – ora, pelo contrário, o ego se contrairia, esvaziando-se completamente e deixando de "fora" não apenas os seus objetos, mas também as próprias potencialidades funcionais, como, por exemplo, suas percepções, idéias e afetos. Há, neste sentido, um empobrecimento radical do eu, similar àquele descrito por Roussillon como consequência da "neutralização energética" (defesa contra o retorno do clivado).

Tendo em vista essa falta de estabilidade nas fronteiras egóicas e a conseqüente confusão entre o que é do eu e o que pertence ao outro, o que se observa nestes casos é uma constante exposição a dois tipos de angústias básicas: a *angústia de separação ou perda do objeto*, e a *angústia de intrusão ou fusão ao objeto*.

Vejamos, então, como essas angústias podem articular-se às oscilações presentes nas fronteiras do eu. Segundo Figueiredo: “de fato, nenhuma das operações, tanto a de expansão como a de retração egóica, é bem-sucedida” (Id., *ibid.*, p. 92). Ambas pagam um duplo preço por sua utilização. Na expansão narcisista, o eu é primeiramente vítima da angústia de fusão, para em seguida temer a perda do objeto, a saber, a perda do controle desse si-mesmo que tornou-se exageradamente grandioso. Já na etapa de retraimento egóico, a angústia de separação é primária. Há, portanto, uma redução inicial dos poderes do ego, em função da expulsão de seus objetos. Porém, devido à fragilidade de suas fronteiras – e completaríamos aqui, à dependência excessiva com relação a esses objetos que de “nada” tornaram-se “tudo” – esta instância não consegue mantê-los “fora”, sofrendo novas ameaças de invasão.

Embora tenhamos mencionado uma certa ordenação no surgimento das distintas angústias, em cada um dos processos descritos, não é dessa maneira que pensamos as relações aí presentes. Este foi apenas um recurso utilizado como forma de facilitar a compreensão de um fenômeno que se manifesta sob uma forma bem mais complexas.

III.3.3 A paradoxalidade

O que estamos tematizando aqui pode não parecer algo tão novo. Como se sabe, a psicanálise sempre esteve às voltas com a questão da perda, o medo da

perda/separação do objeto amado. Por outro lado, a fuga/rejeição de objetos hostis também foi foco da atenção de Freud. É preciso ressaltar, entretanto, que o território em que nos encontramos neste trabalho é completamente distinto daquele priorizado por esse autor. Embora possa haver problemáticas gerais que circulem por esses dois campos de pesquisa, elas virão a assumir uma forma específica em cada um. Neste sentido, pensamos que a relação com o objeto, predominante nos estados limites, não admitiria algo da ordem de um conflito ou, melhor, de uma conflitualidade, conforme descrita no capítulo anterior. Quais seriam então as suas particularidades? Que tipo de relação se estabelece nas fronteiras entre o eu e a alteridade, nos estados limites?

Para responder a essa pergunta recorreremos novamente às contribuições de Scarfone, priorizando, entretanto, neste momento, aqueles aspectos de sua teoria que não puderam ser anteriormente aprofundados. Em contraposição à idéia de conflitualidade, Scarfone irá propor uma outra forma de relação com o outro, forma que pensamos ser de grande utilidade para nosso objetivo. Referimo-nos ao que este autor chama de paradoxalidade. Diz Scarfone:

A paradoxalidade é aquilo que eu contrastaria com a noção de conflitualidade, assim como eu oporia esta última à livre flutuação dos processos primários no inconsciente (Scarfone, 1998, Op. cit., p. 3. A tradução é nossa).

Ao contrário do que ocorre na conflitualidade, em que a simples formação do conflito já revela alguma modalidade de ligação, alguma forma de enfrentamento diante dos efeitos da des-ligação, na paradoxalidade isso não é possível. O indivíduo encontra-se diante de um princípio de des-ligação que parece exceder qualquer esforço de ligação. A radical heterogeneidade deste, mais do que desligar o ligado, conforme nos mostra o autor, vai incidir diretamente no "mecanismo" que produz as ligações: "(...) a

des-ligação não é somente o contrário da ligação, mas ela tenderia a desligar o conflito, ou melhor, a própria conflitualidade” (Id., *ibid.*, p. 2. A tradução é nossa.).

É nesse ponto que poderíamos identificar o paradoxo, segundo a visão de Cardoso:

Destituído violentamente de seu "poder" o ego é então compelido a agir segundo os comandos do invasor. A imagem aqui é a da "ocupação" ou da "possessão". É aí que identificamos de fato um "paradoxo": a des-ligação implica não apenas que o sistema egóico seja abalado, mas faz também com que o ego retorne este ataque sobre si (Cardoso, 2002, *Op. cit.*, p. 136).

Baseados, então, nessas idéias de Scarfone, poderíamos pensar as relações com o outro nos estados limites como uma relação que estaria aquém do conflito psíquico, ou melhor, aquém do estabelecimento de um território onde este conflito poderá ser representado. “Des-ligar a conflitualidade, então isso não é como resolver um conflito; é eliminar o campo de batalha onde o conflito tem lugar, mas igualmente eliminar a vida psíquica em geral” (Scarfone, 1998, *Op. cit.*, p. 2).

III.3.4 As desregulações narcísicas e objetais

Após termos nos aprofundado um pouco mais a respeito das particularidades do encontro com o outro nos estados limites, tendo em vista a manifestação violenta da des-ligação proveniente deste encontro, gostaríamos de investigar um outro aspecto desta relação, ainda não abordado. De que maneira as particularidades referidas poderão ser representadas em termos de investimento libidinal?

Um autor cujas idéias poderão ajudar-nos no avanço da nossa questão é Philippe Jeammet. Embora seu artigo no qual nos basearemos – “As condutas bulímicas como modalidade de acomodação das desregulações narcísicas e objetais” (1999) – seja

direcionado ao caso específico da bulimia, o que ele diz acerca das relações objetais parece-nos muito apropriado às hipóteses que vimos desenvolvendo a respeito dos estados limites.

Segundo Jeammet, “há uma homologia entre a forma da conduta bulímica, a natureza das relações de objeto destas pacientes e as características de seu funcionamento mental” (Jeammet, 1999, p. 116). Quais seriam então os principais aspectos representados nestes diferentes níveis de relação?

(...) o qualitativo de bulimia se aplica com pertinência ao conjunto de seu estilo relacional que é, com as pessoas, análogo ao vínculo que mantém com a alimentação e que alterna com a mesma intensidade, avidez e rejeição (Id., *ibid.*, p. 116).

Já neste trecho podemos observar que a modalidade de relação para a qual Jeammet chama atenção remete-nos diretamente às oscilações que vínhamos estudando nos estados limites. Diante da impossibilidade de manter-se num nível estável de funcionamento, segundo o autor, o que se observa nessa forma particular de vinculação é uma oscilação entre o tudo e o nada, aquém da relação de atração/fuga do fóbico.

Os fatores determinantes dessa impossibilidade de alcançar o equilíbrio, a estabilidade, no encontro com o outro são apontados no próprio texto, quando Jeammet afirma que

A força maciça e luxuriante da relação não são conseqüências unicamente dos parâmetros pulsionais e libidinais em particular. Essas características trazem a marca, ao mesmo tempo, das insuficiências das internalizações (e das bases narcísicas) e da fragilidade dos limites e do que chamamos de processo de diferenciação (Id., *ibid.*, p. 119).

Até aqui as idéias abordadas por Jeammet parecem apenas confirmar as hipóteses que vínhamos desenvolvendo. Mas, à medida que ele avança em sua argumentação, chega a um ponto que nos interessa particularmente.

Este autor descreve como uma das principais características do quadro clínico a dependência excessiva em relação aos objetos externos e às respostas destes (fonte asseguradora do próprio equilíbrio narcísico). Este estado de dependência e vulnerabilidade em relação aos objetos cria condições para o surgimento do que ele chama de antagonismo entre as aspirações relativas aos objetos e à salvaguarda do equilíbrio narcísico.

Para que possamos compreender melhor esta idéia de Jeammet, recordemos rapidamente alguns pontos já enfatizados sobre as relações entre o eu e o objeto na teoria freudiana. Segundo Freud haveria uma relação de antítese entre o investimento no eu e aquele relativo ao objeto: quanto mais um é empregado, mais o outro se esvazia. Apesar de um aumento da libido no eu significar uma diminuição desta no objeto e vice-versa, o que se observa em geral, é um equilíbrio entre esses dois lados da balança.

De acordo com Jeammet:

Normalmente, há uma complementaridade entre os dois procedimentos e o narcisismo se alimenta da internalização das relações de objeto cujas identificações realizadas seriam o desenlace, autorizando um comércio narcisante com os objetos de investimento (Id, *ibid.*, p.123).

Não é a essa modalidade de relação, entretanto, que Jeammet dará ênfase em seu trabalho e que, de acordo com a nossa forma de pensar, encontra-se presente nos estados limites de uma maneira geral. Conforme ressaltamos há pouco este autor propõe uma espécie de antagonismo como marca destas relações. O antagonismo referido poderá ser representado, então, a partir da seguinte lógica paradoxal: “Aquilo de que tenho necessidade, porque disso tenho necessidade e à medida mesmo desta necessidade, é o que ameaça a minha autonomia nascente” (Id., *ibid.*, p. 123). O que se observa a partir desse modo de relação é, portanto, uma avidez excessiva pelo objeto e uma paradoxal ameaça à própria autonomia diante da aproximação ao mesmo.

Segundo o próprio Jeammet, em um outro texto que fala dos transtornos de conduta alimentar de uma forma mais ampla:

Qualquer relação é, com efeito, vivida não sob um modo de troca, mas sob o do roubo recíproco. Para elas, aproximar-se da mãe em um movimento identificatório não é se tornar como a mãe, é substituí-la (Id., *ibid.*, p. 37).

Podemos compreender essa mesma lógica antagônica em sintonia com a idéia desenvolvida por Green a respeito da "confusão identitária" característica dos estados limites. Conforme relata este autor a respeito dos casos em questão:

O que aparece em um paciente neurótico como da ordem da identificação torna-se neste paciente da ordem da confusão identitária. Ele não vos dirá "eu sou como minha mãe, meu tio". Ele afirmará, em alguns momentos, "Eu não sabia mais quem eu era, se eu era eu ou se era minha mãe" ou "se eu era eu ou se era meu tio" (Green, 1999, *Op. cit.*, p. 58. A tradução é nossa.).

Seja qual for a linguagem utilizada para referir-se a essa modalidade de relação que, segundo a nossa hipótese, encontra-se presente nos estados limites, o que virá caracterizá-la é o constante desequilíbrio na balança de investimentos eu/outro e uma conseqüente precariedade no comércio/trânsito entre as partes envolvidas.

A partir das contribuições de Jeammet pudemos avançar em alguns pontos bastante importantes quanto às especificidades da relação entre o eu e o outro nos estados limites. O primeiro deles diz respeito à problemática da assimilação aí presente. Como nos diz Jeammet: "Estamos nos antípodas de uma problemática de assimilação e introjeção (...)" (Jeammet, 1999, *Op. cit.*, p. 124). O vômito, um dos clássicos sintomas da conduta bulímica, representa concretamente esta dificuldade que poderá ser observada em termos de funcionamento psíquico. Haveria nestes indivíduos, em sintonia com as idéias deste autor, uma dificuldade em manter o objeto dentro de si e, mais ainda, de fazê-lo seu. Quando esta absorção ocorre, é somente à custa de uma não-

assimilação interna do objeto, mantendo-se este no interior do organismo como um corpo estranho com matizes persecutórios.

Outro aspecto, interligado ao primeiro, que nos chama atenção no pensamento de Jeammet é a sua hipótese a respeito de uma dependência extrema, nos pacientes em questão, com relação aos objetos externos. Estes tornam-se imprescindíveis à medida que não podem ser internalizados, assimilados; sua presença torna-se indispensável, em função da impossibilidade de representá-los.

De acordo com André

uma mãe, bem entendido, tanto mais única, insubstituível, não descartável, quanto mais tenha sido *depriving* [aquela que priva], *rejecting* [aquela que rejeita]. Tanto mais impossível de perder (de "objetalizar") quanto menos ela tenha permitido que a perda dela mesma pudesse ser elaborada. E isto pode ter acontecido tanto por ser ela psiquicamente invasiva quanto por estar sempre ausente (André, 1999, Op. cit., p. 83).

O que André ressalta a partir do trecho citado de seu artigo "O objeto único", dedicado aos estados limites, é a posição central que a mãe, objeto primário, ocupa nestes casos. Conforme nos mostra o autor, ela não representa apenas a pessoa que cuida do bebê, que busca satisfazer suas necessidades, mas, ainda, aquela que o excita, que sexualiza seu corpo e marca os seus limites, possibilitando, com isso, o seu desdobramento em um ego corporal. De acordo com André,

A constituição da atividade de representação pressupõe que o psiquismo se desprenda do seu modelo orgânico para tornar-se a metáfora deste; em todo caso, constitui a condição de possibilidade do processo associativo, do deslizamento simbólico de uma representação para a outra (Id, *ibid.*, p. 76).

É, justamente, neste ponto que podemos circunscrever a principal questão dos estados limites. Diante de um objeto que não permite a sua perda, que se recusa a ser incorporado e, conseqüentemente, assimilado à cadeia associativa, estes indivíduos

tornam-se prisioneiros. Impossibilitados de investir em novos objetos, a mãe, objeto primário, torna-se imprescindível neste contexto, o "objeto único".

Conforme nos diz Green,

Todavia, quanto mais nos dirigimos para os casos limites, tanto mais o objeto que encontramos é, ao contrário, um objeto insubstituível, indispensável, necessário à sobrevivência do indivíduo (Green, 1995a). (Green, 2002, p. 101. A tradução é nossa.).

Procurando, no decorrer deste capítulo, avançar em nossos estudos relativos à problemática das fronteiras nos estados limites, partimos das contribuições de Green e viemos a desenvolver um ponto de vista a respeito da desorganização desses limites. À medida que a construção de um espaço fronteiro, transicional entre o eu e o outro – espaço paradoxal, mas potencialmente propiciador do processo de elaboração de perdas e de circunscrição dos limites – apresenta um caráter precário e pouco operativo na sua função de território de “trânsito”, a relação com o objeto corre o risco de se tornar fixa. Este objeto perde sua capacidade de ir e vir – a qual exigiria a existência efetiva de um terceiro espaço – tornando-se um objeto, ao mesmo tempo, insubstituível e ameaçador, tanto por sua ausência quanto por sua presença, “objeto único” e absoluto.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve como principal objetivo a busca de respostas para algumas questões que foram surgindo em nossos estudos relativos aos estados limites. Entre os diversos aspectos que despertaram o nosso interesse dentro desta temática, as relações com a alteridade estão em primeiro plano: não há como investigar as particularidades dos estados limites sem vislumbrar a importância que a relação com o outro vem ganhar nesta perspectiva.

Já em Freud pudemos perceber o papel fundamental que a alteridade assume na vida psíquica de todo indivíduo. É a partir das identificações que tomam o lugar dos investimentos objetivos abandonados que o ego, instância central do aparelho mental, se forma. Dessa maneira, a constituição do eu é compreendida como dependendo essencialmente das perdas por ele vivenciadas, em especial da sua primeira perda: aquela relativa ao objeto primário.

A relevância que o outro adquire nos estados limites só poderá ser pensada, entretanto, nos antípodas desta teoria desenvolvida por Freud. O papel essencial do outro – diríamos até vital, nos casos em questão – deve-se não à possibilidade de ser assimilado pelo eu e gradualmente abandonado após a sua assimilação, mas ao contrário: relaciona-se à impossibilidade de sua perda. Seja em função do caráter invasivo deste objeto, seja devido à sua ausência freqüente, o que ocorre é uma não-elaboração dessa perda e a conseqüente fixação neste objeto que, então, torna-se imprescindível à sobrevivência psíquica do indivíduo, objeto absoluto e insubstituível.

Observa-se, então, uma luta constante do eu para poder manter-se em virtude deste objeto e apesar dele. Ao mesmo tempo que depende do outro para poder existir, a

aproximação deste – sempre de forma violenta – também ameaça a manutenção desta instância, obrigando-a a defender-se a partir de um afastamento radical, um isolamento do objeto. Foi, portanto, baseado nestas singularidades das relações com a alteridade nos estados limites, que buscamos aprofundar-nos em nossa pesquisa.

Como vimos no decorrer deste trabalho, as relações em questão não se restringem aos vínculos com os objetos do mundo externo, tratando ainda daqueles relativos à alteridade interna ao aparelho psíquico. Tomando o eu como referência, considera-se como objeto tudo o que se encontra fora do campo de seu controle onipotente. Tendo em vista esta complexificação da concepção de objeto na psicanálise, chegamos, então, às relações internas ao psiquismo. Visando o progresso no estudo dessas relações, a noção de fronteira tornou-se central em nossa pesquisa. Foi, portanto, o aprofundamento desta noção que nos possibilitou avançarmos ainda mais nas nossas indagações relativas às relações com o outro.

Percebemos durante o nosso percurso que, embora não apresentando um estudo sistemático sobre as fronteiras, a obra de Freud encontra-se repleta de passagens que apontam direta ou indiretamente para esta idéia. Mostramos que a noção de limite perpassa toda a sua teoria, sendo abordada aí, sob diferentes dimensões: os limites no interior do aparelho psíquico, os limites entre corpo e psiquismo e até mesmo os limites do analisável. À medida que se caminha em direção aos últimos escritos de Freud, pudemos perceber que as suas construções parecem aproximar-se cada vez mais desta última dimensão descrita. A teorização da pulsão de morte, dessa força irruptiva que coloca em xeque o próprio domínio do princípio do prazer, abre diversas vias para a construção de novos aportes teóricos, e ainda para uma melhor compreensão das psicopatologias, em especial a dos estados limites.

O retorno a Freud trouxe-nos, portanto, várias contribuições à nossa questão. Além de encontrarmos aí as origens dos problemas que culminaram na constituição desse “novo” campo de pesquisa enfatizado por nós, pudemos ainda investigar mais profundamente as relações entre o eu e o outro, foco de nossa atenção. A partir do estudo que fizemos de alguns textos de Freud que tratam dessas relações, e ainda através das contribuições de alguns autores pós-freudianos, exploradas no segundo capítulo da nossa pesquisa, avançamos em nosso conhecimento a respeito desta fronteira tão importante, responsável pelo comércio entre o eu e a alteridade.

Em função do lugar central ocupado pela noção de fronteira em nossa pesquisa, dedicamos um capítulo ao seu desenvolvimento. Utilizando a expressão *espaço fronteiro*, procuramos situar e explorar nossas hipóteses a respeito de sua importância, em especial a que ele vai adquirir no estudo dos estados limites.

O espaço fronteiro, conforme avançamos, é um lugar de trânsito, de comunicação entre as partes por ele divididas. Este espaço encontra-se presente sempre que houver necessidade de separação/ diferenciação, seja entre dois sistemas, seja entre duas instâncias e assim por diante. Porém, mais do que separar dois pólos distintos, o espaço fronteiro propicia ainda, a união entre eles. Formado por uma espécie de compromisso entre as partes que separa, o espaço referido é a garantia de que algum vínculo pode ser estabelecido aí, alguma ligação, mesmo que precária.

Inspirados nas idéias de Scarfone, consideramos as relações estabelecidas nos espaços fronteiros entre o eu e a alteridade como relações de conflitualidade. Os limites em questão são marcados, portanto, por um processo geral, onde o eu esforça-se para ligar aquilo que se encontra desligado, para dar sentido ao que, em sua relação com o outro, tende a escapar a esse trabalho. Concluímos dessa maneira que os espaços

fronteiriços funcionam como zonas de elaboração psíquica, áreas de integração do outro ao eu, de assimilação da alteridade ao território egóico.

Ainda neste capítulo, investigamos as origens desses espaços. Centralizando nossas atenções nas fronteiras egóicas, percebemos a importância que os investimentos pulsionais a ela direcionados têm para a sua formação. Trabalhamos com a hipótese de que os limites do ego surgem por apoio à construção dos limites corporais, e a constituição destes últimos depende, por sua vez, das experiências vivenciadas pela criança, de contato do seu corpo com o corpo da mãe – experiências marcadas pela erotização da sua pele (superfície corporal). Todos esses aspectos contribuíram então ao peso que o fator sexual veio ganhar em nossa pesquisa.

Conforme mencionamos anteriormente, o desenvolvimento da idéia de *espaço fronteiro* teve como principal objetivo abarcar as nossas hipóteses a respeito da sua importância nos estados limites. A descrição desses espaços como lugar de trânsito, lugar onde se estabelece o comércio entre o eu e o outro, permitiu-nos pensar a hipótese de uma desregulação (ou desorganização) nestes, como particularidade dos casos em questão. As fronteiras que, no estudo das psicopatologias neuróticas, não apresentavam um lugar de destaque em função do seu caráter funcional, tornam-se o centro da discussão quando o foco se volta para os estados limites. Nestes casos, tanto a formação quanto a manutenção das fronteiras são prejudicadas, implicando uma dinâmica e uma economia singular de seu funcionamento.

A idéia de Green a respeito de uma desorganização nas fronteiras que compõem o aparelho psíquico dos estados limites ajudou-nos a iniciar nossa investigação das singularidades referidas. Partindo de sua hipótese a respeito de uma permeabilidade excessiva nestes limites e de um paradoxal acréscimo de sua rigidez, buscamos

pesquisar os mecanismos que poderiam ser responsáveis por estas variações. Nosso estudo levou-nos à importância do mecanismo de clivagem para a dinâmica estabelecida nos espaços fronteiraços.

Enquanto o funcionamento eficaz desses espaços caracteriza-se por uma dinâmica de conflito, por uma luta entre forças opostas, que estabelece alguma forma de ligação, alguma espécie de compromisso entre as partes envolvidas, a sua desregulação ou desorganização, conforme avançamos, não alcança tal resultado. O que ocorre então é uma dissociação radical entre o eu e o outro, onde sequer a criação de um campo de confronto torna-se possível.

A radical heterogeneidade desse outro, a intensidade com que se apresenta nos estados limites, impossibilita o uso de defesas mais elaboradas por parte do eu – como, por exemplo, o recalque – e conseqüentemente a formação de um compromisso entre esta instância e o outro. Como forma de defesa diante da invasão sofrida, resta ao eu o emprego de mecanismos menos sofisticados, como a clivagem. Diferentemente da “clivagem do eu” descrita por Freud, consideramos mais produtivo pensar, entretanto, esse mecanismo em termos de uma “clivagem ao eu”, ou seja, processo em que os elementos clivados não puderam ser assimilados nos domínios egóicos.

A "clivagem ao eu" não é, no entanto, o único mecanismo responsável pela dinâmica fronteiraça dos estados limites. Conforme progredimos em nossa pesquisa, mesmo fora do eu esses elementos inassimiláveis do outro poderão ser reinvestidos. O retorno do clivado – como é chamado este reinvestimento – e as defesas contra esse retorno compõem, juntamente com a ‘clivagem ao eu’ os principais processos responsáveis pelas bruscas variações dos espaços fronteiraços nos estados limites.

Ora essas fronteiras apresentam-se mais rígidas, expulsando para fora de si todos os seus objetos e impossibilitando qualquer forma de comunicação com os elementos clivados do outro, ora tornam-se excessivamente permeáveis, expondo-se à invasão destes e permitindo o que estamos chamando de retorno do clivado.

A grande dificuldade dos estados limites é, portanto, manter um equilíbrio em suas relações. Esse desequilíbrio é responsável, entre outras coisas, pelas angústias características dos casos referidos: a angústia de perda ou separação do objeto e a angústia de fusão ou engolfamento por ele.

Como reflexo, ainda, das oscilações presentes nos espaços fronteiros dos estados limites, nossas investigações nos levaram à hipótese de uma alteração na economia psíquica destes indivíduos. A balança de investimento libidinal que "normalmente" se encontra em equilíbrio – havendo uma relação de complementaridade entre os seus dois pólos – nestes casos, torna-se instável. Mais do que promover uma identificação que contribuiria para o aumento da própria auto-estima através da assimilação de seus atributos, a aproximação do objeto de desejo ameaça o narcisismo do sujeito: “aquilo de que necessito, porque tenho necessidade disto e à medida mesmo desta necessidade, é o que ameaça minha autonomia nascente” (Jeammet, 1999, p. 123)

Diante da impossibilidade de assimilação do outro, de seus atributos, conforme enfatizamos anteriormente, o que ocorre nos estados limites é uma total dependência do objeto, um aprisionamento nesta relação, chamada por muitos autores de dual, mas que André brilhantemente associa ao número um: Objeto único.

Esses foram, portanto, os principais aspectos desenvolvidos em nossa dissertação. Esperamos a partir desse trabalho ter contribuído não apenas para um maior conhecimento das relações estabelecidas com o outro, nos estados limites, mas também

ao avanço nas pesquisas metapsicológicas de um modo distinto de funcionamento psíquico que parece cada vez mais presente em nosso cotidiano.

A partir desse estudo pudemos vislumbrar algumas vias importantes para a produção de novas pesquisas. A investigação das relações entre os estados limites e a sociedade contemporânea, por exemplo, é um tema bastante interessante e que poderá ser explorado sob diferentes formas. A própria temática da nossa pesquisa – a questão das fronteiras nos estados limites – permite a abertura de novas fontes de estudo, tendo como foco principal outros limites que não aqueles relativos à alteridade. A fronteira entre o corpo e o psiquismo, é um exemplo desses limites que poderão ser investigados, vindo ajudar na compreensão de fenômenos como os da somatização. A concepção da fronteira como espaço, e não como linha divisória, faz-nos pensar, ainda, se seria possível localizá-la em um sistema específico, como o pré-consciente, ou em uma instância, no caso, a instância egóica, mediadora de todas as demais. Todas essas questões poderão, portanto, ser exploradas em uma nova oportunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, J. “O objeto único”. *Cadernos de psicanálise SPCRJ*, v.15; n. 18, Rio de Janeiro, 1999.

ANZIEU, D. “A noção de Eu-pele” in: *O Eu-pele*. São Paulo: Casa do psicólogo, 1989.

BERGERET, J. “Limites des états analysables et états-limites analysables”. *Nouvelle Revue de Psychanalyse: Aux limites de l’analysable*. n. 10, 1974.

CARDOSO, M. R. *O superego*. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. “Adolescência e violência: uma questão de ‘fronteiras’?” in: CARDOSO, M. R. (org.) *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001

FIGUEIREDO, L. C. *Psicanálise: elementos para a clínica contemporânea*. São Paulo: Escuta, 2003.

FREUD, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (E.S.B.)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

- (1900a) *A interpretação de sonhos*. v. IV e V
- (1905d) “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, v. VII
- (1914c) “Sobre o narcisismo: uma introdução”, v. XIV
- (1915c) “Os instintos e suas vicissitudes”, v. XIV
- (1915d) “A repressão”, v. XIV
- (1915e) “O inconsciente”, v. XIV
- (1917e [1915]) “Luto e melancolia”, v. XIV
- (1916-17) “Conferência XVI – A teoria da libido e o narcisismo”, v. XVI
- (1920g) “Além do princípio do prazer”, v. XVIII
- (1923b) “O ego e o id”, v. XIX
- (1924b [1923]) “Neurose e psicose”, v. XIX
- (1924e [1923]) “A perda da realidade na neurose e na psicose”, v. XIX
- (1925d [1924]) “Um estudo autobiográfico”, v. XX
- (1927e) “Fetichismo”, v. XXI
- (1930a [1929]) “O mal-estar na civilização”, v. XXI
- (1940a [1938]) “Esboço de psicanálise”, v. XXIII
- (1937c) “Análise terminável e interminável”, v. XXIII
- (1937d) “Construções em análise”, v. XXIII
- (1940e [1938]) “A divisão do ego no processo de defesa”, v. XXIII
- (1950a [1887-1902]) “Extrato dos documentos dirigidos a Fliess”, v. I (1895)
“Projeto para uma psicologia científica”

GARCIA-ROZA, L. A. “Narcisismo”. in: *Introdução à metapsicologia freudiana 3: artigos de metapsicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995

GREEN, A. “L’ Analyste, la symbolization et l’absence dans le cadre analytique”.

Nouvelle Revue de Psychanalyse, n. 10, Automne 1974

_____ “25/08/1986 – 1ª conferência: ‘Conceituações e limites’” in: *Conferências brasileiras de André Green: Metapsicologia dos limites*; Rio de Janeiro: Imago, 1990

_____ “Genèse et situation des états limites”, in: ANDRÉ, J. *Les états limites – Nouveau paradigme pour la psychanalyse?*. Paris: PUF, 1999.

_____ “Hystérie et états limites: chiasme” in: *La pensée clinique*. Paris: Editions Odile Jacob, 2002.

JEAMMET, P. “Abordagem psicanalítica dos transtornos das condutas alimentares” in: URRIBARRI, R. (org.) *Anorexia e bulimia*. São Paulo: Escuta, 1999.

_____ “As condutas bulímicas como modalidade de acomodação das desregulações narcisistas e objetais” in: URRIBARRI, R. (org.) *Anorexia e bulimia*. São Paulo: Escuta, 1999

LAPLANCHE, J. *Problemáticas I: A Angústia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1998

PONTALIS, J.-B. “Bornes ou confins”. *Nouvelle Revue de Psychanalyse*, n. 10, Automne, 1974

ROUSSILLON, R. *Agonie, clivage et symbolisation*; Paris: PUF, 1999.

SCARFONE, D. *Éloge de la conflictualité*. texto apresentado na Second International Conference: Jean Laplanche On Psychic Conflict, Londres/Canterbury, julho de 1994

- WINNICOTT, D. W. (1945) “Desenvolvimento emocional primitivo”, in: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*; Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982
- _____ (1953) “Objetos transicionais e fenômenos transicionais”, in: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- _____ (1954) “A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal”, in: *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982
- _____ (1958) “A capacidade para estar só”. in: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983
- _____ (1960) “Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self”. in: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982
- _____ (1963) “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar”. in: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982
- _____ (1963) “Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo”. in: *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982
- _____ (1967) “A localização da experiência cultural”, in: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- _____ (1969) "O uso de um objeto e relacionamento através de identificações". In "*O brincar e a realidade*". Rio de Janeiro: Imago, 1975
- _____ (1971) “O lugar em que vivemos”, in: *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975
- WINOGRAD, M. *Freud e os conceitos-membrana*; Material referente à exposição do trabalho mediante os Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial; Rio de Janeiro; 2003.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)